

# LIVRE

E L JAMES

CINQUENTA TONS DE LIBERDADE  
PELOS OLHOS DE CHRISTIAN

TRADUÇÃO DE  
ALEXANDRE RAPOSO, ANA RODRIGUES,  
CÁSSIA ZANON, MARIA CARMELITA DIAS,  
MARIA DE FÁTIMA OLIVA DO COUTTO  
E REGIANE WINARSKI



# SUMÁRIO

---

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Domingo, 19 de junho de 2011](#)

[Segunda-feira, 20 de junho de 2011](#)

[Terça-feira, 21 de junho de 2011](#)

[Quinta-feira, 23 de junho de 2011](#)

[Terça-feira, 28 de junho de 2011](#)

[Sexta-feira, 1º de julho de 2011](#)

[Terça-feira, 5 de julho de 2011](#)

[Quarta-feira, 6 de julho de 2011](#)

[Sexta-feira, 8 de julho de 2011](#)

[Segunda-feira, 11 de julho de 2011](#)

[Sábado, 16 de julho de 2011](#)

[Segunda-feira, 18 de julho de 2011](#)

[Sábado, 23 de julho de 2011](#)

[Domingo, 24 de julho de 2011](#)

[Terça-feira, 26 de julho de 2011](#)

[Quinta-feira, 28 de julho de 2011](#)

Sábado, 30 de julho de 2011  
Terça-feira, 16 de agosto de 2011  
Quarta-feira, 17 de agosto de 2011  
Sábado, 20 de agosto de 2011  
Domingo, 21 de agosto de 2011  
Segunda-feira, 22 de agosto de 2011  
Terça-feira, 23 de agosto de 2011  
Quinta-feira, 25 de agosto de 2011  
Sexta-feira, 26 de agosto de 2011  
Sábado, 27 de agosto de 2011  
Domingo, 28 de agosto de 2011  
Quinta-feira, 1º de setembro de 2011  
Segunda-feira, 5 de setembro de 2011  
Terça-feira, 6 de setembro de 2011  
Sexta-feira, 9 de setembro de 2011  
Sábado, 10 de setembro de 2011  
Domingo, 11 de setembro de 2011  
Segunda-feira, 12 de setembro de 2011  
Terça-feira, 13 de setembro de 2011  
Quarta-feira, 14 de setembro de 2011  
Quinta-feira, 15 de setembro de 2011  
Sexta-feira, 16 de setembro de 2011  
Sábado, 17 de setembro de 2011  
Domingo, 18 de setembro de 2011  
Segunda-feira, 19 de setembro de 2011  
Quarta-feira, 21 de setembro de 2011

Epílogo: Segunda-feira, 30 de julho de 2012

Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça outros títulos da autora

Leia também

Para Eva e Sue.  
Obrigada, obrigada, obrigada,  
por tudo que vocês fazem.

E para Catherine.  
Sofremos uma baixa.

## DOMINGO, 19 DE JUNHO DE 2011

---

Estamos imersos em uma sensação de prazer pós-sexo, deitados sob lanternas de papel rosa, flores do campo e cordões de luzinhas cintilando nas vigas. À medida que minha respiração vai voltando ao normal, abraço Anastasia bem apertado. Ela está esparramada em cima de mim, o rosto no meu peito, a mão descansando sobre o meu coração acelerado. A escuridão está ausente, afastada por minha apanhadora de sonhos... minha noiva. Meu amor. Minha luz.

*Será possível eu ser mais feliz do que me sinto agora?*

A cena está marcada na minha memória: o ancoradouro, o ritmo suave das águas batendo, as flores, as luzes. Fechando os olhos, sinto a mulher nos meus braços, seu peso, o lento sobe e desce das suas costas conforme respira, suas pernas enroscadas nas minhas. O cheiro de seu cabelo enche minhas narinas e me reconforta. Este é o meu lugar feliz. O Dr. Flynn ficaria orgulhoso. Esta mulher linda aceitou ser minha. Em todos os sentidos. De novo.

— Podemos nos casar amanhã? — sussurro no ouvido de Ana.

— Hmm. — O som em sua garganta reverbera como um leve tamborilar em minha pele.

— Isso é um sim?

— Hmm.

— Um não?

— Hmm.

Abro um sorriso. Ela está esgotada.

— Srta. Steele, você está sendo incoerente? — Sinto que ela retribui meu sorriso, e minha felicidade irrompe em uma gargalhada, enquanto abraço Ana ainda mais apertado e beijo seu cabelo. — Então está combinado. Vegas amanhã.

Ana levanta a cabeça, os olhos semicerrados na suave luz das lanternas. Ela parece sonolenta, mas satisfeita.

— Acho que meus pais não ficariam muito felizes com isso.

Ela abaixa a cabeça, e passo a ponta dos dedos por suas costas nuas, de alto a baixo, apreciando o calor de sua pele brilhosa.

— O que você quer, Anastasia? Vegas? Um casamento grande, com tudo a que tem direito? Vamos, diga.

— Grande não. Só os amigos e a família.

— Tudo bem. Onde?

Ela dá de ombros. Imagino que não tenha pensado no assunto.

— Pode ser aqui? — pergunto.

— Na casa dos seus pais? Eles não vão se importar?

Dou uma risada. Grace agarraria a oportunidade com unhas e dentes.

— Minha mãe ficaria no sétimo céu.

— Aqui, então. Tenho certeza de que minha mãe e meu pai vão preferir.

*Eu também.*

Para variar, estamos de acordo. Sem discussões.

*Seria a primeira vez?*

Delicadamente, acaricio seu cabelo, meio despenteado por causa de nossos momentos de paixão.

— Bom, já resolvemos onde; agora vamos definir quando.

— Você tem que perguntar para a sua mãe, é claro.

— Hmm. Posso dar a ela um mês, no máximo. Quero muito você, não posso esperar mais do que isso.

— Christian, eu já sou sua. Faz um bom tempo. Mas tudo bem: um mês está bom.

Ela dá um beijo suave no meu peito, e fico contente que a escuridão permaneça sossegada. A presença de Ana a mantém afastada.

— É melhor voltarmos. Não quero que Mia nos interrompa como daquela vez.

Ana ri.

— Ah, é verdade. Foi por pouco. Minha primeira trepada de castigo.

Ela roça os dedos no meu queixo, e eu rolo o corpo, mantendo-a junto de mim e pressionando-a contra o tapete felpudo.

— Nem me lembre. Não foi um dos meus melhores momentos.

Seus lábios se abrem em um sorriso tímido, mas seus olhos brilham com humor.

— Para uma trepada de castigo, correu bem. E recuperei minha calcinha.

— Recuperou mesmo. E foi merecido. — Rindo com a lembrança da cena, dou-lhe um beijo rápido e me levanto. — Venha, coloque a calcinha e vamos voltar para o que restou da festa.



FECHO O ZÍPER DO vestido cor de esmeralda de Ana e cubro seus ombros com meu casaco.

— Pronta?



Ela me dá a mão e caminhamos até a escada do ancoradouro. Fazendo uma pausa, ela olha para trás, para o nosso abrigo cheio de flores, como se agora *ela* estivesse memorizando o cenário.

— E todas essas flores e luzinhas?

— Está tudo bem. O florista volta amanhã para desmontar o caramanchão. Fizeram um trabalho e tanto. E as flores vão para um asilo de idosos perto daqui.

Ela aperta minha mão.

— Você é um homem bom, Christian Grey.

*Espero ser bom o suficiente para você.*



MINHA FAMÍLIA ESTÁ NA área de lazer, abusando do aparelho de karaokê. Kate e Mia dançam e cantam “We Are Family”, com meus pais de plateia. Acho que todos estão meio bêbados. Elliot está afundado no sofá, bebericando uma cerveja e repassando a letra da música em silêncio.

Kate avista Ana e faz sinal apontando o microfone.

— Ai, meu Deus! — Mia solta um gritinho, abafando o som. — Olhe só essa joia! — Ela agarra a mão de Ana e assobia. — Christian Grey, mandou bem.

Ana olha Mia com um sorriso tímido, enquanto Kate e minha mãe cercam Ana para examinar o anel de noivado, soltando exclamações justificadas de admiração. Por dentro, me sinto um gigante.

*Isso. Ela gostou. Todas gostaram.*

*Parabéns, Grey.*

— Christian, posso falar com você? — Carrick pergunta e se

levanta, a expressão sombria.

*Agora?*

Com um olhar firme, ele me conduz para fora da sala.

— Hum. Claro.

Dou uma espiada em Grace, que deliberadamente evita meu olhar.

*Será que ela contou para ele sobre a Elena?*

*Merda.* Espero que não.

Sigo meu pai até seu escritório. Ele me faz entrar e fecha a porta.

— Sua mãe me contou — diz, sem qualquer preâmbulo.

Olho para o relógio: 0h28. Já está muito tarde para uma conversa desse tipo... em todos os sentidos.

— Pai, estou cansado...

— Não. Você não vai escapar desta conversa.

A voz dele soa dura, e seus olhos se estreitam, quase se fechando, enquanto ele me observa por cima dos óculos. Ele está furioso. De verdade.

— Pai...

— Calado, filho. Você precisa me ouvir.

Ele se senta na beira da mesa, tira os óculos e começa a limpá-los com um lenço de algodão que pega do bolso. Fico de pé na frente dele, como já fiz várias e várias vezes, com o mesmo sentimento de quando eu tinha quatorze anos e havia acabado de ser expulso da escola — de novo. Resignado, inspiro profundamente e, suspirando o mais alto que consigo, ponho as mãos nos quadris e espero pela bronca.

— Dizer que estou decepcionado é pouco. O que Elena fez foi criminoso...

— Pai...

— Não, Christian. Você não tem permissão para falar neste momento. — Ele me olha com uma cara feia. — Ela merece ser presa.

*Pai!*

Ele faz uma pausa e recoloca os óculos.

— Mas acho que o que me deixa mais decepcionado é você ter nos enganado. Toda vez que você saiu de casa mentindo que ia estudar com seus colegas, que nós nunca chegamos a conhecer, na verdade você tinha ido trepar com aquela mulher.

*Meu Deus!*

— Como eu vou acreditar em qualquer coisa que você já contou para nós? — continua ele.

*Ah, mas que caralho.* Essa é uma reação completamente exagerada.

— Posso falar agora?

— Não. Não pode. É claro que eu me culpo. Achei que tivesse dado a você algum senso de moralidade. E agora fico me perguntando se de fato ensinei alguma coisa para você.

— É um comentário retórico?

Ele me ignora.

— Ela era uma mulher casada, e você não respeitou isso, e agora está prestes a se tornar um homem casado...

— Isso não tem nada a ver com a Anastasia!

— Não ouse gritar comigo — diz ele, em voz baixa, exalando tamanha cólera que imediatamente me deixa mudo. Acho que nunca o vi ou o ouvi tão irritado. É preocupante. — Tem tudo a ver com ela. Você está prestes a firmar um compromisso colossal com essa

jovem. — Seu tom se suaviza. — Foi uma surpresa para todos nós. E fico feliz por você. Mas estamos falando da santidade do matrimônio. E, se você não respeita isso, então não vale a pena se casar.

— Pai...

— Se você é tão indiferente aos votos sagrados que vai confirmar em breve, então precisa seriamente considerar um acordo pré-nupcial.

*O quê?* Ergo as mãos para silenciá-lo. Ele foi longe demais. Sou adulto, pelo amor de Deus.

— Não meta Ana nessa história. Ela não é uma interesseira querendo dar o golpe do baú.

— A questão não é ela. — Ele se levanta e vem em minha direção. — A questão é você. Você assumir suas responsabilidades. Você ser uma pessoa decente e confiável. Você servir para o casamento!

— Fala sério, pai, eu tinha quinze anos, porra! — grito, e então nos encaramos, olhando furiosos um para o outro.

Por que ele está tendo uma reação tão ruim assim? Sei que sempre fui uma enorme decepção para o meu pai, mas ele nunca expressou isso de forma tão veemente.

Ele fecha os olhos e aperta a parte superior do nariz, e percebo que, em meus momentos de tensão, faço a mesma coisa. Esse hábito vem dele, mas, no nosso caso, qualquer semelhança é mera coincidência.

— Tem razão. Você era uma criança vulnerável. Mas o que você não percebe é que o que ela fez é errado, e claramente ainda não consegue ver isso, porque continua a se relacionar com ela, não apenas como amiga da família, mas também nos negócios. Vocês dois

mentiram para nós durante todos esses anos. E é isso o que mais nos magoa. — Ele baixa o tom de voz. — Ela era amiga da sua mãe. Achamos que fosse uma boa amiga. É exatamente o oposto. Você *vai* cortar todos os vínculos financeiros com ela.

*Vá se foder, Carrick.*

Eu quero dizer a ele que Elena foi uma força para o bem, e que eu não continuaria a me relacionar com ela se pensasse o contrário. Mas sei que minhas palavras vão entrar por um ouvido e sair pelo outro. Ele não quis escutar quando eu tinha quatorze anos e estava com dificuldades na escola, e parece que continua sem querer escutar agora.

— Já terminou? — As palavras saem amargas entre meus dentes cerrados.

— Pense no que eu disse.

Dou meia-volta para sair. Já ouvi o suficiente.

— Pense no acordo pré-nupcial. Vai poupar muito aborrecimento para você no futuro.

Eu o ignoro. Saio pisando forte do escritório e bato a porta.

*Vá a merda!*

Grace está parada no corredor.

— Por que você contou a ele? — disparo, mas Carrick me seguiu e ela não responde. Apenas dirige ao marido um olhar glacial e cheio de ira.

Vou chamar Ana. Vamos para casa.

Sigo o som de gritos estridentes até a área de lazer e encontro Elliot e Ana no microfone assassinando “Ain’t No Mountain High Enough”. Se não estivesse tão bravo, eu riria daquilo. A voz desafinada de Elliot não pode ser classificada exatamente como

canto e está abafando a voz suave de Ana. Felizmente, a música está quase no fim, de modo que sou poupado do pior.

— Acho que Marvin Gaye e Tammi Terrell estão se revirando nos túmulos — observo de forma seca quando eles terminam.

— Achei que foi uma interpretação muito boa. — Elliot faz uma reverência teatral para Mia e Kate, que estão rindo e aplaudindo com uma animação exagerada.

Definitivamente estão todos bêbados. Ana dá uma risadinha. Ela está corada e linda.

— Vamos para casa — digo.

Ela fica decepcionada.

— Eu disse para a sua mãe que nós íamos ficar.

— Você falou isso? Agora?

— Foi. Ela trouxe uma muda de roupas para nós. Eu estava ansiosa para dormir no seu quarto.

— Querido, realmente espero que vocês fiquem. — É uma súplica da minha mãe; ela está na porta, Carrick atrás dela. — Kate e Elliot vão ficar também. Gosto de ter todos os meus filhos debaixo do mesmo teto. — Ela estica o braço e agarra minha mão. — É essa semana achamos que tínhamos perdido você.

Resmungando um xingamento entredentes, mantenho minha raiva sob controle. Meus irmãos parecem completamente alheios ao drama que está se desenrolando diante deles. Eu esperaria essa falta de noção de Elliott, mas não de Mia.

— Fique, filho. Por favor. — O olhar do meu pai me fulmina, mas ele aparenta certa cordialidade. Nem parece que acabou de me dizer que sou uma total e completa decepção.

*De novo.*

Eu o ignoro e respondo para minha mãe.

— Tudo bem. — Mas só porque Ana me lança um olhar de súplica, e sei que, se eu for embora me sentindo tão mal assim, será uma mancha em um dia que, fora isso, tinha sido maravilhoso.

Ana passa os braços ao meu redor.

— Obrigada — sussurra ela.

Eu sorrio, e a nuvem carregada de mau humor começa a se dissipar.

— Venha, pai. — Mia coloca o microfone nas mãos dele e o arrasta para a frente da tela. — Última música! — diz ela.

— Para a cama — digo a Ana, e não é um pedido. Já aguentei o suficiente da minha família por uma noite. Ela assente e entrelaça os dedos nos meus. — Boa noite, pessoal. Obrigado pela festa, mãe.

Grace me abraça.

— Você sabe que nós te amamos. Só queremos o melhor para você. Estou muito feliz com a novidade. E muito feliz que você esteja aqui.

— Sim, mãe. Obrigado. — Dou um beijo rápido em seu rosto. — Estamos cansados. Vamos nos deitar. Boa noite.

— Boa noite, Ana. Obrigada — diz e lhe dá um abraço rápido.

Seguro a mão de Ana para sair enquanto Mia coloca “Wild Thing” para Carrick cantar.

Isso eu não quero ver.



ACENDENDO AS LUZES DO quarto, fecho a porta e puxo Ana para meus braços, procurando seu calor e tentando tirar da cabeça a bronca

inflamada de Carrick.

— Ei, você está bem? — murmura ela. — Você parece chateado.

— Só estou com raiva do meu pai. Mas isso não é novidade. Ele ainda me trata como se eu fosse um adolescente.

Ana me abraça mais apertado.

— Seu pai te ama.

— Bom, hoje ele está muito decepcionado comigo. De novo. Mas eu não quero falar disso agora.

Beijo o topo de sua cabeça, e ela vira o rosto para cima, focando em mim, a compaixão e a compreensão brilhando em seus olhos. Sei que nenhum de nós dois quer trazer à tona o fantasma de Elena... a *Mrs. Robinson*.

Eu me lembro do início da noite, quando Grace, com toda a sua glória vingativa, enxotou Elena para fora da casa. Imagino o que ela teria dito, tantos anos atrás, se tivesse me flagrado com uma garota no quarto. De repente, sinto-me energizado pela mesma adrenalina de adolescente que me dominou quando entramos às escondidas aqui no final de semana passado, durante o baile de máscaras.

— Estou com uma garota no meu quarto. — Sorrio maliciosamente.

— O que você vai fazer com ela? — O sorriso de resposta de Ana é sedutor.

— Hmm. Todas as coisas que eu queria fazer com as garotas quando eu era adolescente. — Mas não conseguia. Porque eu não aguentava ser tocado. — A não ser que você esteja muito cansada. — Eu traço a curva macia de seu rosto com os nós dos dedos.

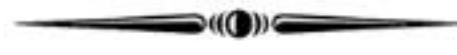
— Christian. Estou exausta. Mas também estou animada...

*Ah, baby.* Dou um beijo rápido nela e me compadeço.



— Talvez a gente possa só dormir. Foi um dia longo. Venha. Vou colocar você na cama. Vire-se.

Ela obedece e eu abro o zíper do seu vestido.



ENQUANTO MINHA NOIVA DORME ao meu lado, mando uma mensagem para Taylor pedindo-lhe para nos trazer uma muda de roupas do Escala pela manhã. Eu me acomodo ao lado de Ana e observo seu perfil, maravilhado com o fato de ela já estar dormindo... e de ela ter concordado em ser minha.

Será que algum dia serei bom o suficiente para ela?

*Será que sirvo para o casamento?*

Meu pai parece duvidar.

Suspiro e me deito virado para cima, fitando o teto.

Vou provar que ele está errado.

Ele sempre foi rígido comigo. Mais do que com Elliot e Mia.

*Filho da puta.* Ele sabe que tenho uma herança maldita. Fico remoendo sua bronca de mais cedo até cair no sono.



BRAÇOS PARA CIMA, CHRISTIAN. Papai está sério. Ele está me ensinando a mergulhar na piscina. *Isso mesmo. Agora enrosque os dedos dos pés na borda da piscina. Ótimo. Arqueie as costas. Certo. Agora se jogue.* Eu caio. E caio. E caio. Tibum. Na água fria e clara. No azul. Na quietude. No silêncio. Mas minhas boias de braço me impulsionam de volta para o ar. E eu procuro o papai. *Olhe, papai,*

*olhe*. Mas Elliot pula em cima dele. E os dois caem no chão. Papai faz cócegas em Elliot. Elliot ri. E ri. E ri. E papai beija a barriga dele. Papai não faz isso em mim. Eu não gosto. Eu estou na água. Eu quero estar lá em cima. Com eles. Com o papai. E estou parado nas árvores. Observando papai e Mia. Ela grita de alegria enquanto ele faz cócegas nela. E ele ri. E ela se esquiva, se liberta e pula em cima dele. Ele a balança, girando, e a agarra. E eu fico parado nas árvores sozinho. Observando. Desejando. O ar tem um cheiro bom. De maçã.



— BOM DIA, SR. Grey — sussurra Ana quando abro os olhos.

O sol da manhã reluz pelas janelas, e estou enroscado ao redor dela como uma trepadeira. A sensação de nostalgia e angústia, certamente evocada pelo meu sonho, se dissipa quando vejo Ana. Estou encantado e excitado, meu corpo acordando para saudá-la.

— Bom dia, Srta. Steele.

Ela está linda de morrer, apesar de estar usando a camiseta *I ♥ Paris* de Mia. Ela segura meu rosto entre as mãos, os olhos cintilando e o cabelo rebelde e brilhante no sol da manhã. Desliza o polegar pelo meu queixo, fazendo cócegas na minha barba por fazer.

— Eu estava olhando você dormir.

— Estava, é?

— E apreciando meu lindo anel de noivado.

Ela estica a mão e balança os dedos. O brilhante capta a luz e reflete pequenos arco-íris nos meus pôsteres de filmes antigos e de kickboxing pendurados nas paredes.

— Ah! — Ela faz um ruído de aprovação. — É um sinal.

*Um bom sinal, Grey. Tomara.*

— Eu nunca vou tirar.

— Ótimo! — Eu me movo de forma a cobri-la. — Você está me olhando há quanto tempo? — Esfrego meu nariz no dela e pressiono meus lábios contra a sua boca.

— Ah, não. — Ela empurra meus ombros, e a pontada de decepção que sinto é real, mas ela me faz rolar e ficar virado para cima, e monta nos meus quadris. Sentando-se, ela arranca a camiseta em um gesto rápido e a joga no chão. — Eu pensei em te acordar com um serviço de despertador.

— Ah, é? — Meu pau e eu nos regozijamos.

Antes que eu possa me preparar para sentir o seu toque, ela se inclina e dá um beijo suave no meu peito, seu cabelo caindo em volta de nós dois, formando um abrigo castanho. Olhos azuis brilhantes me espiam.

— Começando aqui. — Ela me beija mais uma vez.

Eu inspiro com força.

— Depois descendo para cá. — Ela desliza a língua em uma linha errática descendo pelo meu esterno.

*Isso.*

A escuridão continua quieta, subjugada pela deusa montada em cima de mim ou pela minha libido em explosão. Não sei dizer qual das duas.

— Você tem um gosto magnífico, Sr. Grey — sussurra junto à minha pele.

— Fico feliz de saber. — As palavras saem roucas da minha garganta.

Ela me lambe e me mordisca ao longo da base do meu tórax enquanto seus seios passeiam pela minha barriga.

*Ah!*

Uma, duas, três vezes.

— Ana!

Agarro os joelhos dela enquanto minha respiração se acelera e se retrai. Mas ela se contorce em cima da minha virilha, então eu relaxo, e ela se levanta e me deixa esperando, cheio de desejo. Acho que ela vai me deixar possuí-la. Ela está pronta.

Eu estou pronto.

*Porra, estou tão pronto.*

Mas ela desce pelo meu corpo, beijando toda a extensão da minha barriga, sua língua deslizando pelo meu umbigo, depois passeando nos pelos abaixo da minha cintura. Ela me dá mais uma mordiscada, que sinto direto no pau.

— Ah!

— Ah, te encontrei — sussurra ela, e encara com voracidade meu pau ávido, depois me fita com um sorriso espevitado.

Lentamente, com os olhos nos meus, ela me leva à sua boca.

*Santo Deus.*

Sua cabeça se move para cima e para baixo, os dentes ocultos por trás dos lábios, enquanto ela me empurra mais para dentro de sua boca a cada movimento. Alcanço seu cabelo e o tiro do caminho, para apreciar a visão ininterrupta da minha futura mulher com os lábios em volta do meu pau. Faço uma contração, empurrando os quadris para cima, querendo ir mais fundo, e ela aceita, firmando a boca em volta de mim.

Mais forte.

Ainda mais forte.

*Ah, Ana. Você é uma deusa, porra.*

Ela pega o ritmo. E, fechando os olhos, agarro seu cabelo.

Ela é tão boa nisso...

— Isso — sibilo entre os dentes e me perco no subir e descer da sua boca deliciosa. Vou gozar.

De repente, ela para.

*Merda. Não!* Abro os olhos e a vejo se movendo por cima de mim, depois se enterrando tão-de-va-ga-ri-nho no meu pau prestes a explodir. Dou um gemido, saboreando cada precioso centímetro. Seu cabelo cai pelos seus seios nus e estendo os braços para acariciá-los, deslizando os polegares pelos mamilos intumescidos, várias e várias vezes.

Ela solta um gemido longo, empurrando os seios contra as minhas mãos.

*Ah, baby.*

Então, se lança para a frente, me beijando, sua língua invadindo minha boca, e eu provo e saboreio meu gosto salgado em sua doce boca.

*Ana.*

Levo as mãos para os seus quadris e afasto seu tronco do meu, depois a puxo de volta, me impulsionando contra ela ao mesmo tempo.

Ela grita, se agarrando nos meus punhos.

E eu faço de novo.

E de novo.

— Christian! — exclama ela em direção ao teto, em um apelo baixo, à medida que segue meu ritmo, e nos movemos juntos. Ao

mesmo tempo. Como um. Até ela cair em cima de mim, me levando junto e desencadeando minha própria liberação.



ENCOSTO O NARIZ EM seu cabelo e tamborilo os dedos em suas costas.

Ela me deixa extasiado.

Isso ainda é novo. Ana no comando. Tomando a iniciativa. Eu gosto.

— Agora, essa é minha ideia de culto de domingo — sussurro.

— Christian! — Ela vira a cabeça para mim, os olhos arregalados de repreensão.

Dou uma risada alta.

*Será que em algum momento vai perder a graça? Chocar a Srta. Steele?*

Eu a abraço forte e rolo para deixá-la embaixo de mim.

— Bom dia, Srta. Steele. É sempre um prazer despertar com você.

Ela acaricia meu rosto.

— E com você, Sr. Grey. — Seu tom é suave. — Precisamos nos levantar? Eu gosto de ficar aqui no seu quarto.

— Não. — Dou uma olhada no relógio na mesa de cabeceira. São 9h15. — Meus pais estão na missa. — Mudo de posição para ficar ao lado dela.

— Eu não sabia que eles frequentavam a igreja.

Faço uma careta.

— Eles vão à igreja, sim. São católicos.

— E você?

— Não, Anastasia.

*Deus e eu seguimos caminhos diferentes há muito tempo.*

— Você tem religião? — pergunto, lembrando que Welch não conseguiu achar nenhuma afiliação religiosa quando checou o passado dela.

Ela balança a cabeça.

— Não, nenhum dos meus pais pratica alguma religião. Mas eu gostaria de ir à igreja hoje. Preciso agradecer... a alguém por trazer você de volta a salvo depois do acidente com o helicóptero.

Solto um suspiro, visualizando um raio me queimando e me reduzindo a cinzas se eu pisar no chão sagrado de uma igreja... mas, por ela, eu vou.

— Tudo bem. Vou ver o que podemos fazer. — Eu a beijo rapidamente. — Venha, tome um banho comigo.



HÁ UMA PEQUENA BOLSA de viagem de couro no lado de fora do meu quarto: Taylor já entregou as roupas limpas. Pego a bolsa e fecho a porta. Ana está enrolada em uma toalha, gotas de água cintilando em seus ombros. Sua atenção está focada em meu quadro de avisos, na fotografia da prostituta viciada. Ela olha para mim, uma pergunta estampada em seu lindo rosto... uma pergunta que não quero responder.

— Você ainda tem isso — diz.

É, ainda tenho a foto. E daí?

Enquanto sua pergunta paira no ar entre nós, seus olhos ficam ainda mais luminosos ao sol da manhã, me absorvendo, me implorando para dizer alguma coisa. Mas não consigo. Esse não é um

lugar para onde eu queira ir. Por um instante, me recordo da pontada no estômago que senti quando Carrick me entregou a foto tantos anos atrás.

*Droga. Não vá por esse caminho, Grey.*

— Taylor trouxe uma muda de roupas para nós — sussurro enquanto jogo a bolsa sobre a cama.

Segue-se um silêncio absurdamente longo antes que ela responda.

— Tudo bem — diz, e caminha até a cama e abre a bolsa.



JÁ COMI O SUFICIENTE. Meus pais voltaram da missa, e minha mãe preparou seu tradicional brunch: um prato delicioso, e cheio de colesterol, de ovos, bacon, salsicha, batata rosti e bolo inglês. Grace está meio calada, e desconfio que esteja de ressaca.

Evitei meu pai a manhã inteira.

Não o perdoei pela noite passada.

Ana, Elliot e Kate estão em um debate acalorado — sobre bacon, por incrível que pareça — e discutindo quem deve comer a última salsicha. Eu meio que ouço, achando engraçado, enquanto leio uma matéria sobre o índice de falência de bancos locais na edição de domingo do *Seattle Times*.

Mia dá um grito e volta para seu lugar na mesa, segurando o notebook.

— Vejam só isso. Tem uma nota no site do Seattle Nooz sobre o seu noivado, Christian.

— Já? — reage mamãe, surpresa.

*Será que esses babacas não têm nada melhor para fazer?*



Mia lê a coluna em voz alta.

— Ficamos sabendo aqui no Nooz que o solteiro mais cobiçado de Seattle, Christian Grey, finalmente foi laçado, e que os sinos de casamento estão prestes a badalar.

Dou uma conferida em Ana, que empalideceu e encara Mia, e depois a mim, com os olhos bem abertos.

— Mas quem é essa moça sortuda? — continua Mia. — O Nooz está em seu encaço. Ela deve estar lendo um tremendo de um acordo pré-nupcial. — Mia começa a rir.

Olho para ela, irritado. *Cala a porra da boca, Mia.*

Ela para e franze os lábios. Ignorando-a, e a todos os rostos que se entreolham ansiosos à mesa, volto minha atenção para Ana, que fica cada vez mais pálida.

— Não — formo a palavra com a boca, sem emitir som, tentando tranquilizá-la.

— Christian... — começa meu pai.

— Não vou discutir isso de novo — me dirijo a ele rispidamente. Ele abre a boca para dizer alguma coisa. — Nada de acordo! — disparo com tanta veemência que ele desiste de falar.

*Cale a boca, Carrick!*

Pegando o jornal, me vejo relendo a mesma frase da matéria sobre os bancos várias vezes, irado.

— Christian — murmura Ana —, eu assino qualquer coisa que você e o Sr. Grey queiram.

Ergo o olhar, e ela parece suplicante, um brilho de lágrimas represadas nos olhos.

*Ana. Pare.*

— Não! — exclamo, implorando para ela esquecer esse assunto.

— É para proteger você.

— Christian, Ana... acho que vocês deveriam discutir isso em particular — repreende-nos Grace. Ela faz cara feia para Carrick e Mia.

— Ana, isso não tem nada a ver com você — murmura meu pai.  
— E, por favor, pode me chamar de Carrick.

*Não tente se redimir com ela agora.* Estou fervilhando por dentro, e, de repente, há uma explosão de atividades ao redor. Kate e Mia se levantam para arrumar a mesa e Elliot rapidamente espeta a última salsicha com seu garfo.

— Eu definitivamente prefiro salsicha — brada ele, com uma leveza forçada.

Ana está fitando as próprias mãos. Ela parece abatida.

*Meu Deus. Pai. Olhe o que você fez.*

Estico o braço e seguro as mãos de Ana entre as minhas. Sussurro de forma que só ela me escute:

— Pode parar. Ignore meu pai. Ele ficou muito bravo por causa da Elena. Todas as repreensões são dirigidas a mim. Minha mãe deveria ter ficado de boca fechada.

— Ele tem certa razão, Christian. Você é muito rico, e eu não posso lhe oferecer nada além das dívidas que fiz para pagar a faculdade.

*Meu amor, eu aceito você de qualquer modo. Você sabe disso!*

— Anastasia, se você me deixar, pode levar tudo que não vai ficar pior. Você já me deixou uma vez. Eu sei como é.

— Aquilo foi diferente — sussurra ela. E franze a testa mais uma vez. — Mas... pode ser que você queira me deixar.

Agora ela está sendo ridícula.

— Christian, você sabe que eu posso fazer algo excepcionalmente estúpido... E você... — Ela se contém.

*Ana, acho isso muito improvável.*

— Pare. Pare agora mesmo. Esse assunto está encerrado, Ana. Não vamos mais discutir isso. Nada de acordo pré-nupcial. Nem agora... nem nunca.

Vasculho meus pensamentos, tentando encontrar um assunto mais leve, e baixa uma inspiração. Viro-me para Grace, que está torcendo as mãos e olhando ansiosamente para mim, e pergunto:

— Mãe, podemos fazer o casamento aqui?

Sua expressão se transforma, de alarme para alegria e gratidão.

— Querido. Seria maravilhoso. — E, como se pensasse melhor, acrescenta: — Vocês não querem um casamento na igreja?

Eu lhe lanço um olhar atravessado, e ela cede na mesma hora.

— Nós vamos adorar se o casamento for aqui. Não é, Cary?

— Sim. Claro que sim. — Meu pai sorri afavelmente tanto para Ana quanto para mim, mas não consigo olhar para ele.

— Já pensaram em uma data? — pergunta Grace.

— Daqui a quatro semanas.

— Christian. Não é tempo suficiente!

— É tempo de sobra.

— Preciso de oito semanas, no mínimo.

— Mãe. Por favor.

— Seis? — suplica ela.

— Isso seria maravilhoso. Obrigada, Sra. Grey. — Ana entra na conversa e me lança um olhar de advertência, desafiando-me a contradizê-la.

— Seis semanas, então — murmuro. — Obrigado, mãe.



ANA FICA EM SILÊNCIO no caminho de volta a Seattle. Provavelmente está pensando na minha explosão com Carrick de manhã. A discussão na noite passada ainda me incomoda, a desaprovação dele agindo como uma broca, esfolando minha pele. Lá no fundo, tenho medo de que ele esteja certo; talvez eu não sirva para o casamento.

*Droga, vou provar que ele está errado.*

*Não sou o adolescente que ele pensa que sou.*

Fixo o olhar na estrada à frente, desanimado. Minha garota está aqui ao meu lado, marcamos a data do nosso casamento, e eu deveria me sentir o rei do mundo, mas estou remoendo fragmentos do esporro raivoso do meu pai por causa da Elena e do acordo pré-nupcial. O aspecto positivo é que acho que ele sabe que fez uma tremenda cagada. Ele tentou se redimir comigo quando fomos embora mais cedo, mas sua tentativa desajeitada e inadequada de consertar as coisas ainda dói.

*Christian, sempre fiz tudo ao meu alcance para proteger você. E fracasei. Eu devia ter te amparado.*

Mas eu não queria ouvi-lo. Ele devia ter dito isso na noite passada. Mas não foi o que fez.

Balanço a cabeça. Quero me livrar dessa tristeza.

— Ei, tenho uma ideia. — Estico o braço e aperto o joelho de Ana.



TALVEZ MINHA SORTE ESTEJA mudando: há uma vaga livre em frente à Catedral de St. James. Ana espreita por entre as árvores a majestosa construção que ocupa um quarteirão inteiro na Nona Avenida, e depois se volta para mim, os olhos inquisidores.

— Igreja — ofereço como explicação.

— Bem grande para uma igreja, Christian.

— Verdade.

Ela sorri.

— É perfeita.

De mãos dadas, vamos até um dos portões frontais que dão na antecâmara, depois continuamos até a nave. Instintivamente, estico a mão para a pia de água benta para me benzer, mas me detenho bem a tempo, sabendo que, se um raio tiver que cair, será justo agora. Observo o ar de surpresa e perplexidade de Ana, mas desvio o olhar para admirar aquele teto impressionante, enquanto espero o julgamento de Deus.

*Nada. Nenhum raio hoje.*

— Velhos hábitos — resmungo, sentindo-me um pouco constrangido, mas aliviado por não ter me transformado em um monte de cinzas na soleira majestosa.

Ana volta a atenção para o magnífico interior da igreja, os tetos altos decorados, as colunas de mármore cor de ferrugem, os vitrais elaborados. A luz do sol cai como um raio pela abertura do domo do transepto, como se Deus estivesse sorrindo para o local. Um ruído sussurrante ecoa pela nave, nos envolvendo em uma calma etérea, perturbada apenas pela tosse ocasional de um dos poucos visitantes. É um local sereno; um refúgio contra a agitação de Seattle. Eu tinha me esquecido da tranquilidade e da beleza deste lugar, mas também

faz muitos anos que não entro na catedral. Sempre adorei a pompa e a solenidade de uma missa católica. O ritual. O responsório. O cheiro de incenso. Grace fez questão que os três filhos fossem versados em todos os fundamentos católicos, e houve uma época em que eu faria qualquer coisa para agradar minha nova mãe.

Contudo, a puberdade chegou e tudo isso foi por água abaixo. Minha relação com Deus nunca se recuperou e isso mudou a relação com minha família, principalmente meu pai. Sempre estivemos em permanente conflito, desde os meus treze anos. Enxoto as recordações. São dolorosas.

Agora, parado no meio do esplendor silencioso da nave, sou dominado por uma sensação familiar de paz.

— Venha. Quero lhe mostrar uma coisa.

Seguimos pelo corredor lateral, o som dos saltos de Ana ecoando nas pedras do piso, até chegarmos a uma pequena capela. Suas paredes douradas e o chão escuro formam o cenário perfeito para a delicada imagem de Nossa Senhora, cercada de velas tremeluzentes.

Ana fica deslumbrada ao vê-la.

Sem dúvida, ainda se trata de um dos mais lindos locais de devoção que já conheci. A Virgem, olhos humildemente voltados para o chão, segura o filho no alto. Seu manto azul e dourado cintila à luz das velas acesas.

É deslumbrante.

— Minha mãe costumava nos trazer aqui para a missa. Este lugar era o meu predileto. A capela dedicada à Santíssima Virgem Maria — sussurro.

Ana está imóvel, imersa no ambiente, na imagem, nas paredes, no teto escuro coberto de estrelas douradas.

— Foi isso que inspirou sua coleção? De Madonas? — pergunta, com um toque de admiração na voz.

— Foi.

— Maternidade — murmura e me fita rapidamente.

Dou de ombros.

— Já vi do tipo bom e do tipo ruim.

— Sua mãe biológica? — pergunta.

Confirmo com a cabeça, e os olhos de Ana se abrem completamente, revelando uma emoção profunda que não quero admitir.

Desvio o olhar. É muita coisa.

Coloco uma nota de cinquenta dólares na caixa de ofertas e lhe entrego uma vela. Ana aperta minha mão brevemente, me agradecendo, depois acende o pavio em um dos círios e coloca a vela em um suporte de ferro na parede. A luz tremula e brilha no meio das outras.

— Obrigada — diz em voz baixa para a Virgem e passa um braço ao redor da minha cintura, pousando a cabeça no meu ombro. E juntos ficamos, em um silêncio contemplativo, nessa belíssima capela no coração da cidade.

Aquela paz, aquela beleza, além da companhia de Ana, restauram meu bom humor. Que se dane o trabalho hoje à tarde. É domingo. Quero me divertir um pouco com a minha garota.

— Quer ir ao jogo? — pergunto.

— Jogo?

— Os Phillies vão jogar contra os M's no Safeco Field. A GEH tem um camarote.

— Claro. Parece divertido. Vamos. — Ana sorri.

De mãos dadas, voltamos para o R8.



## SEGUNDA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2011

---

Meu dia não começou nada bem, e estou a ponto de matar alguém. Há hordas de repórteres, incluindo alguns de equipes de TV, acampados em frente ao Escala e à Seattle Independent Publishing.

*Será que eles não têm mais o que fazer?*

Foi fácil evitá-los em casa, porque entramos e saímos pela garagem subterrânea. Na SIP, a história é outra. Estou perplexo e horrorizado em ver que esses abutres conseguiram rastrear Ana tão rápido.

*Como?*

Para despistá-los, contornamos o prédio da SIP e usamos as portas dos fundos, de carga e descarga. Agora, porém, Ana está encurralada dentro do escritório e tenho sentimentos conflitantes quanto a isso. Pelo menos ela está segura lá dentro, mas tenho certeza de que não vai suportar o confinamento por muito tempo.

Fico com o coração apertado. É claro que a imprensa de Seattle está curiosa sobre a minha noiva. É uma parte do *bônus* que acompanha Christian Grey. Só espero que esse excesso de atenção não a afugente.

Sawyer para diante da Grey House, onde mais alguns jornalistas sensacionalistas estão à espreita, mas, com Taylor ao meu lado, passo por eles como um raio, ignorando suas perguntas histéricas.

*Que porra de jeito de começar essa manhã!*

Ainda aborrecido, espero o elevador. Tenho uma lista de coisas

para fazer mais comprida do que o meu pau, e preciso lidar com as consequências do fim de semana: ligações perdidas de meu pai, minha mãe e Elena Lincoln.

*Por que diabos ela está me ligando, eu não sei. Já terminamos. Deixei isso claro na noite de sábado.*

Preferia estar em casa com a minha garota.

No elevador, verifico o telefone. Há um e-mail de Ana.

---

**De:** Anastasia Steele

**Assunto:** Como agradar uma noiva

**Data:** 20 de junho de 2011 09:25

**Para:** Christian Grey

Meu queridíssimo futuro marido,

Sinto que seria um descuido meu não agradecer por

a) sobreviver a um acidente de helicóptero

b) uma exemplar proposta de casamento romântica

c) um fim de semana maravilhoso

d) um retorno ao Quarto Vermelho

e) uma joia muito linda, que todo mundo notou!

f) meu serviço de despertador hoje de manhã (principalmente isso! ;))

Bj

A

Anastasia Steele

Editora Interina, Ficção, SIP

P.S.: Você tem alguma estratégia para lidar com a imprensa?

---

**De:** Christian Grey

**Assunto:** Como agradar um homem

**Data:** 20 de junho de 2011 09:36

**Para:** Anastasia Steele

Minha querida Ana,

Muito de nada.

Obrigado pelo fim de semana maravilhoso.

Eu te amo.

Volto a escrever sobre uma estratégia para a p\*\*\*\* da imprensa.

Christian Grey

CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

P.S.: Acho que os serviços de despertador são subestimados.

P.P.S.: P\*\*\*\* de BLACKBERRY!!!!!!!!!!!!!!

*Quantas vezes tenho que falar para você, mulher!*

Achando graça e mais calmo por causa de nossa troca de e-mails, disparo para fora do elevador. Andrea está em sua mesa na minha antessala.

— Bom dia, Sr. Grey — diz ela. — Eu... ahn... estou feliz de ver o senhor de novo aqui.

— Obrigado, Andrea. Agradeço. E agradeço também por toda a sua ajuda na sexta-feira à noite. Foi inestimável.

Ela cora, constrangida, acho, com a minha gratidão.

— Onde está a funcionária nova? — pergunto.

— Sarah? Saiu para resolver uma coisa. Gostaria de um café?

— Sim, por favor. Puro. Forte. Tenho muita coisa para fazer.

Ela fica de pé.

— Se meu pai, minha mãe ou a Sra. Lincoln ligarem, anote o recado. Transfira todas as perguntas da imprensa para Sam. Só me passe a ligação se a Administração Federal de Aviação, a Eurocopter ou a Welch telefonarem.

— Sim, senhor.

— E, claro, Anastasia Steele.

O rosto de Andrea se suaviza com um de seus raros sorrisos.

— Meus parabéns, Sr. Grey.

— Está sabendo?

— Todo mundo está sabendo, senhor.

Dou uma risada.

— Obrigado, Andrea.

— Vou pegar o seu café.

— Ótimo, obrigado.

Em minha mesa, faço meu computador despertar. Há outro e-mail de Ana à minha espera.

---

**De:** Anastasia Steele

**Assunto:** Os limites da linguagem

**Data:** 20 de junho de 2011 09:38

**Para:** Christian Grey

\*\* . \*\*\*\* , \*\*\*\* \*\*\*\*\*!

\*\*\* \*\*\*\*\* \*\* \*\*\*\*\*.

\*\* \*\* \*\* , \*\*\*\*\*

Bj

A

Dou uma gargalhada, apesar de não fazer a menor ideia do que ela quis escrever. Andrea entra com o meu café e se senta, para podermos repassar a agenda do dia antes de meu primeiro telefonema.



FICO GRUDADO AO TELEFONE pelo que pareceram três horas seguidas. Quando finalmente desligo, me levanto e me alongo, são 13h15. O *Charlie Tango* está sendo resgatado hoje e deve chegar ao Boeing Field à noite. A Administração Federal de Aviação entregou a investigação sobre o pouso de emergência para o Conselho Nacional de Segurança nos Transportes. O engenheiro da Eurocopter, um dos primeiros a chegar ao local, diz que foi uma sorte incrível eu ter conseguido apagar o fogo com os extintores. Vai ajudar a acelerar tanto a investigação deles quanto a do Conselho. Tenho esperanças de receber o relatório inicial amanhã.

Welch me informou que, por precaução, coletou todas as filmagens das câmeras de segurança do heliporto de Portland da última semana, além daquelas do interior e do entorno do hangar privativo do *Charlie Tango* no Boeing Field. Minhas costas se arrepiam. Welch acha que pode ter sido sabotagem, e devo admitir que, no fundo, pensei nessa possibilidade, uma vez que *ambos* os motores pegaram fogo.

*Sabotagem.*

*Mas por quê?*

Pedi a ele que sua equipe vasculhasse todas as gravações e visse se encontrava algo suspeito.

Depois de muita bajulação de Sam, o responsável por minha assessoria de imprensa, concordei em dar uma breve entrevista coletiva à tarde. A voz irritante de Sam ressoa em minha cabeça. “*Você precisa tomar a dianteira nesse caso, Christian. A notícia da sua escapada milagrosa ainda está circulando na imprensa. Eles têm uma filmagem aérea da operação de resgate.*”

Francamente, acho que Sam só adora o drama. Espero que uma

coletiva de imprensa faça esse pessoal parar de perseguir a Ana e a mim.

Andrea me chama pelo interfone.

— O que é?

— A Dra. Grey está na linha de novo.

— Merda — sussurro entre os dentes. Imagino que não possa evitá-la para sempre. — Tudo bem, pode passar.

Apoiado na mesa, espero pelo tom suave da sua voz.

— Christian. Sei que você está ocupado, mas duas coisas.

— Sim, mãe.

— Achei uma cerimonialista que eu gostaria de contratar. O nome dela é Alondra Gutierrez. Ela organizou o baile da Superando Juntos deste ano. Acho que você e Ana deviam conversar com ela.

Reviro os olhos.

— Claro.

— Ótimo. Vou marcar uma reunião para o final desta semana. Segundo, seu pai realmente quer falar com você.

— Conversei muito com meu pai na noite em que anunciei meu noivado. Nós também estávamos comemorando meu vigésimo oitavo ano neste mundo e, como você bem sabe, sempre reluto em dar atenção a essas datas. — Emendo uma fala na outra. — E eu tinha acabado de sobreviver a um pouso forçado assustador. — Minha voz vai subindo de tom. — Papai jogou mesmo um balde de água fria em cima de mim. Acho que ele já disse o suficiente naquela conversa. Não quero falar com ele agora.

*Ele é um metido arrogante.*

— Christian. Pare com esse mau humor. Converse com o seu pai.

*Mau humor! Eu estou puto da vida, Grace.*

O silêncio de minha mãe se alonga entre nós, salpicado de censura.

Suspiro.

— Tudo bem, vou pensar no assunto. — A outra linha do meu telefone pisca. — Preciso desligar.

— Muito bem, querido. Eu aviso a você sobre a reunião com Alondra.

— Tchau, mãe.

O interfone toca de novo.

— Sr. Grey, Anastasia Steele quer falar com o senhor.

Meu rancor desaparece.

— Maravilha. Obrigado, Andrea.

— Christian? — Sua voz está curta e irregular. Ela parece amedrontada.

Fico com um nó na garganta.

— Ana, está tudo bem?

— Hum... Eu saí para tomar um pouco de ar. Achei que eles já tinham ido embora. E, bom...

— Os repórteres e fotógrafos?

— É.

*Filhos da mãe.*

— Não fiz nenhum comentário. Só saí correndo de volta para o prédio.

*Merda.* Eu devia ter mandado Sawyer vigiá-la, e fico agradecido mais uma vez por Taylor ter me convencido a mantê-lo depois do incidente com Leila Williams.

— Ana, vai ficar tudo bem. Eu ia ligar para você. Acabei de concordar em dar uma entrevista coletiva hoje à tarde sobre o *Charlie*

*Tango.* Eles vão perguntar sobre o nosso noivado. Vou comentar o mínimo possível. Espero que seja suficiente e eles fiquem satisfeitos.

— Ótimo.

Arrisco a sorte.

— Você gostaria que eu mandasse o Sawyer para servir como seu guarda-costas?

— Gostaria, sim — diz ela de imediato.

*Uau. Essa foi fácil.* Ela deve estar mais abalada do que pensei.

— Tem certeza de que está bem? Normalmente você não é tão receptiva.

— Tenho meus momentos, Sr. Grey. Em geral, ocorrem depois de eu ser perseguida por jornalistas pelas ruas de Seattle. Foi um exercício e tanto. Eu estava sem fôlego quando cheguei ao escritório.

— Ela está fazendo pouco caso da situação.

— É verdade, Srta. Steele? Você costuma ter tanta energia.

— Ora, Sr. Grey, a que o senhor está se referindo? — Ouço o sorriso em sua voz.

— Acho que a senhorita sabe — murmuro.

Sua respiração fica ofegante, e o som viaja direto para a minha virilha.

— Está flertando comigo? — pergunta ela.

— Espero que sim.

— Quer testar minha energia mais tarde? — Sua voz está baixa e provocante.

*Ah, Ana.* O desejo atravessa o meu corpo como um raio.

— Nada me daria maior prazer.

— Fico contente em ouvir isso, Christian Grey.

Ela é boa demais nesse jogo.



— Estou muito feliz por você ter me ligado — digo. — Ganhei o dia.

— Meu objetivo é satisfazer. — Ela dá uma risadinha. — Tenho que ligar para o seu personal trainer, para manter o mesmo ritmo que você!

Eu rio.

— Bastille vai adorar.

Ela fica em silêncio por um minuto e depois fala:

— Obrigada por me fazer sentir melhor.

— Não é isso que eu deveria fazer?

— É, sim. E você é muito bom nisso.

Eu me deleito com suas palavras amorosas. *Ana, você faz com que eu me sinta inteiro.*

Alguém bate na porta, e sei que é Andrea ou Sarah com o meu almoço.

— Preciso desligar.

— Obrigada, Christian — diz Ana.

— Pelo quê?

— Por ser você. Ah, e mais uma coisa. A notícia de que você comprou a SIP ainda está sob sigilo, não é?

— Está, por mais três semanas.

— Tudo bem. Vou tentar me lembrar disso.

— Certo. Até mais, baby.

— Tudo bem. Até mais, Christian.



ANDREA E SARAH CAPRICHARAM hoje. Recebo meu sanduíche favorito

— club sandwich de peru com pickles à parte —, um pouco de salada e chips de batata, tudo servido em uma bandeja com um pano de linho da GEH, copo alto de cristal com água com gás e um vaso combinando exibindo uma empertigada rosa cor-de-rosa.

— Obrigado — balbucio, confuso, enquanto as duas, agitadas, arrumam a bandeja.

— É um prazer, Sr. Grey — diz Andrea, com um sorriso que está se tornando cada vez menos raro.

Ambas estão estranhamente distraídas e um pouco irrequietas hoje. *O que estão tramando?*

Enquanto me concentro no almoço, checo minhas mensagens. Há mais uma de Elena.

*Merda.*

ELENA

Me ligue. Por favor.

Elena

Me ligue. Vou enlouquecer.

ELENA

Não sei o que dizer. Fico pensando no que aconteceu o fim de semana todo. E não sei por que as coisas fugiram tanto ao controle. Me desculpe. Me ligue.

ELENA

Por favor, atenda as minhas ligações.

Tenho que lidar com ela. Meus pais querem que eu corte todos os vínculos com a Sra. Lincoln, e, para ser sincero, não sei como vamos superar tudo o que dissemos um para o outro no sábado à noite.

Falei coisas de fato horríveis.

*Ela também.*

Chegou a hora de acabar com isso.

Eu disse a Ana que doaria a empresa para Elena.

Percorro minha lista de contatos e encontro o número da minha advogada pessoal. Por ironia, foi Elena quem nos apresentou. Debra Kingston é uma advogada comercial que aprecia o mesmo estilo de vida que eu. Ela preparou as minutas de todos os meus contratos de dominação e acordos de confidencialidade, e tratou dos meus negócios com a Sra. Lincoln e nosso empreendimento.

Pressiono o botão de ligar.

— Christian, boa tarde. Tem tempo que não nos falamos. Pelo que soube, é o momento de lhe desejar parabéns.

— Obrigado, Debra.

*Meu Deus! Ela também sabe.*

— O que posso fazer por você?

— Quero doar o salão de beleza para Elena Lincoln.

— Como é que é? — Sua voz transmite descrença.

— Você entendeu direito. Quero doar o negócio todo para Elena. Gostaria que você redigisse um contrato. Tudo. Empréstimos. A propriedade. Os ativos. Tudo para ela.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Está cortando os vínculos?

— Estou. Não quero ter nada a ver com aquilo. Nenhum compromisso.

— Christian, enquanto sua advogada, preciso perguntar se você tem certeza de que quer fazer isso. É uma doação incrivelmente

generosa. Você provavelmente vai perder centenas de milhares de dólares.

— Debra, estou bem ciente desse fato.

Ouçó-a expressar sua contrariedade no outro lado da linha.

— Tudo bem, se você insiste. Vou lhe mandar uma minuta nos próximos dias.

— Obrigado. E quero que toda a correspondência com ela seja feita através de você.

— Vocês dois realmente se desentenderam.

Não vou discutir minha vida privada com Debra. Bom, não *esse* aspecto de minha vida privada.

— Entendi — acrescenta ela. — Para manter a cara-metade feliz?

*Que. Merda. É. Essa?*

— Debra, só prepare a porra do contrato.

Sua resposta é direta.

— Está bem, Christian. E vou avisar à Sra. Lincoln.

— Ótimo. Obrigado.

Com isso Elena deve me deixar em paz.

Desligo.

*Uau. Eu fiz mesmo isso.*

E a sensação é boa. De alívio. Acabei de me despedir de uma pequena fortuna pelos padrões GEH, mas tinha uma dívida com ela. Sem Elena, não haveria GEH.

— *Estive pensando em nossa conversa recente, Christian.*

— *Sim, madame?*

— *Você, largando Harvard. Vou emprestar cem mil dólares para você começar o seu negócio.*

— *Faria isso?*

— *Christian, tenho muita fé em você. Está destinado a ser um mestre do universo. Vai ser um empréstimo e você pode me pagar no futuro.*

— *Elena... eu...*

— *Você pode agradecer me mostrando o que aprendeu mais cedo hoje. Você por cima. Eu por baixo. Não me marque.*

Balanço a cabeça; assim começou meu treinamento como Dominador. Meu sucesso como homem de negócios está vinculado à minha escolha de estilo de vida. Dou um sorriso ao chegar a essa conclusão e depois franzo a testa. Não consigo acreditar que nunca percebi essa conexão.

*Merda.* Não posso me encolher aqui no meu canto. Devo um telefonema a ela.

*Hora do espetáculo, Grey.*

Com relutância, pressionno o contato dela no meu celular.

Ela atende ao primeiro toque.

— *Christian, por que não me ligou antes?*

— *Estou ligando agora.*

— *Qual diabo é o problema com a sua mãe e a sua... noiva?* —

Ela fala a última palavra com escárnio.

— *Elena, este telefonema é uma cortesia que estou fazendo. Estou doando a empresa para você. Entrei em contato com Debra Kingston; ela está preparando a papelada. Acabou. Não podemos mais continuar assim.*

— *O quê? Do que você está falando?*

— *Estou falando sério. Não tenho mais energia para as suas*

bobagens. Pedi que você deixasse Ana em paz e você ignorou o meu pedido. Colhemos o que plantamos, Sra. Lincoln. Acabou. Não me telefone mais.

— Chris... — Escuto o sobressalto em sua voz quando desligo.

Meu celular toca na mesma hora, o nome dela piscando na tela. Desligo e verifico minha lista de tarefas.

Tenho cerca de uma hora antes da coletiva de imprensa; então, para afastar Elena da mente, pego o telefone do escritório e ligo para o meu irmão.

— E aí, espertalhão. Está pensando melhor se quer se casar?

— Vá se foder, Elliot.

— *Ela* está pensando melhor? — pergunta com sarcasmo.

— Será que você consegue deixar o seu babacão interior calado por dois minutos?

— Tanto tempo assim? Não sei, não.

— Estou comprando uma casa.

— Uau. Para você e a futura Sra. Grey? Foi rápido. Ela está grávida?

— Não!

Pelo amor de Deus.

Ele dá uma risada no outro lado da linha.

— Deixa eu adivinhar. É em Denny-Blaine ou Laurelhurst?

*Ah, as regiões preferidas dos milionários do setor tecnológico.*

— Não.

— Medina?

Eu rio.

— Perto demais de mamãe e papai. Fica à beira d'água logo a norte de Broadview.

— Você está brincando.

— Não. Quero ver o sol se pôr no Sound, e não nascer em cima de um lago.

Elliot ri.

— Cara. Quem diria que você é tão romântico?

Rio com escárnio. Não eu, com certeza.

— Precisa de uma reforma completa.

— Precisa? — Isso desperta o interesse de Elliot. — Quer indicação de alguém?

— Não, cara. Quero que você seja o responsável. Quero alguma coisa sustentável e que respeite o meio ambiente. Você sabe, toda essa merda que você defende nos jantares de família.

— Ah. Uau. — Ele parece surpreso. — Posso ver o lugar?

— Sim, claro. Ainda não formalizei nada, mas vamos seguir com os levantamentos na semana que vem, ou talvez até a outra.

— Claro. Que máximo. Mas você vai precisar de um arquiteto. Eu só posso fazer uma parte.

— Qual é o nome da mulher que supervisionou a reforma de Aspen?

— Hmm... Gia Matteo. Ela é legal. E agora está em uma firma chique no centro da cidade.

— Ela fez um ótimo trabalho na casa de Aspen. E pelo que me lembro ela tinha um portfólio impressionante e criativo. Você a recomendaria?

— Sim. Hmm... Claro.

— Você parece hesitante.

— Bem, você sabe. Ela é o tipo de mulher que não aceita não como resposta.

— O que quer dizer com isso?

— Ela é... ambiciosa. Ávida. Determinada a conseguir o que quer.

— Não vejo problema nisso.

— Nem eu — diz Elliot. — Na verdade, até prefiro uma mulher predadora.

— É mesmo?

Bom, Kavanagh combina com essa descrição.

— Ela e eu... — A voz de Elliot vai morrendo.

Reviro os olhos, não consigo evitar. Meu irmão sofre de incontinência sexual.

— Vai ser constrangedor?

— Não, óbvio que não. Ela é uma baita profissional.

— Vou ligar para ela. E vou dar uma olhada no portfólio atualizado dela. — Anoto o nome da arquiteta.

— Legal. Me avise quando pudermos explorar o lugar.

— Está certo. Até mais.

— Valeu.

Desligo, imaginando com quantas mulheres ele já deve ter trepado. Balanço a cabeça. Será que ele sabe que Katherine Kavanagh tem planos de fisgá-lo? Será que ele não conseguiu reparar nisso no fim de semana? Espero que não acabe ficando com ela. É provável que seja a mulher mais irritante que conheço.

Sam enviou por e-mail a declaração para a coletiva de imprensa, que começa dentro de meia hora. Reviso-a e faço algumas alterações; como sempre, sua prosa é exagerada e pretensiosa. Às vezes não sei por que o contratei.

Vinte minutos depois, ele bate à porta.

— Christian. Já está pronto?





— ENTÃO, SR. GREY, o senhor está sugerindo que isso pode ser sabotagem? — pergunta o jornalista do *Seattle Times*.

— Não estou dizendo isso de forma alguma. Só não descartamos nenhuma possibilidade e estamos esperando o relatório sobre o acidente.

— Parabéns pelo noivado, Sr. Grey. Como o senhor conheceu Anastasia Steele? — Acho que é uma mulher que trabalha no *Seattle Metropolitan*.

— Não vou responder a nenhuma pergunta sobre minha vida pessoal. Só vou reiterar que estou feliz que ela tenha concordado em ser minha esposa.

— Foi a última pergunta, obrigado, senhoras e senhores. — Sam vem me resgatar e me conduz apressado para fora do auditório da GEH.

*Graças a Deus já acabou.*

— Você se saiu bem — comenta Sam, como se eu precisasse da aprovação dele. — Tenho certeza de que a imprensa vai querer um registro de você e Anastasia juntos. Acho que não vão parar de assediar vocês enquanto não conseguirem uma foto.

— Vou pensar no assunto. Neste exato momento, só quero voltar para a minha sala.

Sam dá um sorriso malicioso.

— É claro, Christian. Vou lhe mandar uma compilação da cobertura da imprensa sobre a coletiva, quando tivermos.

— Obrigado. — *Por que ele está com esse sorriso malicioso?*

Entro no elevador e fico satisfeito em me ver sozinho ali dentro. Checo o telefone. Há três ligações perdidas de Elena.

*Pelo amor de Deus, Sra. Lincoln. Nossa história já acabou.*

Há também um e-mail de Ana.

---

**De:** Anastasia Steele

**Assunto:** Novidades!

**Data:** 20 de junho de 2011 16:55

**Para:** Christian Grey

Sr. Grey,

Você se sai bem em coletivas de imprensa.

Por que isso não me surpreende?

Você estava um gato.

Amei sua gravata.

Bj

A

P.S.: Sabotagem?

Minha mão vai até a gravata. *A gravata Brioni. Minha predileta.*

*Eu estava um gato.* Essas palavras me dão mais prazer do que deveriam. Gosto de parecer um gato para Ana, e seu e-mail me dá uma ideia.

---

**De:** Christian Grey

**Assunto:** Vou mostrar quem é gato

**Data:** 20 de junho de 2011 17:08

**Para:** Anastasia Steele

Minha querida futura esposa,

Talvez eu possa usar a gravata hoje à noite, quando eu for testar a sua energia.

Christian Grey

CEO Impaciente, Grey Enterprises Holdings, Inc.

P.S.: A sabotagem é mera conjectura. Não se preocupe com isso. Não é um pedido.



AS PORTAS DO ELEVADOR se abrem.

— Feliz aniversário, Sr. Grey! — Há uma cacofonia de vozes. Andrea está perto da porta, segurando um enorme bolo confeitado, com “Feliz aniversário” e “Parabéns, Sr. Grey” escrito em glacê azul em cima. Há uma vela dourada e solitária acesa.

*Mas que merda.*

Isso nunca aconteceu.

*Nunca.*

O grupo — que inclui Ros, Barney, Fred, Marco, Vanessa e todos os diretores de departamento — inicia um coro empolgado de “Parabéns pra você”. Fixo um sorriso no rosto para esconder minha surpresa e, quando eles terminam, apago a vela. Todos comemoram e começam a aplaudir, como se eu tivesse feito algo merecedor de celebração.

Sarah me oferece uma *flûte* de champagne.

Há gritos de “Discurso! Discurso!”

— Bom, isso foi uma surpresa. — Eu me viro para Andrea, que dá de ombros levemente. — Mas obrigado.

Ros intervém:

— Estamos todos felizes por você ainda estar aqui, Christian, ainda mais eu, porque significa que também estou aqui. — Ouve-se

um punhado de risadas e aplausos educados. — Então, queríamos expressar nossa gratidão de alguma forma. Todos nós. — Ela estende o braço para os nossos colegas. — Queremos também desejar um feliz aniversário e parabéns pelas boas novas. Vamos brindar. — Ela ergue sua taça. — A Christian Grey.

Meu nome ecoa por todo o escritório.

Levanto a *flûte* pra brindar e tomo um grande gole.

Mais aplausos.

Realmente não entendo o que deu na minha equipe. Por que isso agora? O que aconteceu?

— A ideia foi sua? — pergunto a Andrea quando ela me dá uma fatia de bolo.

— Não, senhor. Foi de Ros.

— Mas vocês fizeram tudo isso juntas.

— Sarah e eu, senhor.

— Bom, obrigada. Eu agradeço.

— De nada, Sr. Grey.

Ros me dirige um sorriso caloroso e indica a *flûte* na minha direção; e me lembro de que lhe devo um par de Manolos azul-marinho.



LEVO TRINTA E CINCO minutos para me libertar da pequena reunião em meu escritório. Estou comovido, e fico surpreso de estar comovido. Devo estar amolecendo com a idade. Porém, como sempre, estou ansioso para voltar para casa... ansioso para ver Ana.

Ela vem correndo da entrada dos fundos da SIP e meu coração

dispara ao vê-la. Sawyer está ao seu lado; ele abre a porta do Audi e ela desliza para junto de mim, enquanto Sawyer se acomoda na frente, perto de Taylor.

— Oi. — Seu sorriso é deslumbrante.

— Oi. — Pegando sua mão, beijo os nós dos dedos dela. — Como foi o seu dia?

TERÇA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2011

---

Os olhos de Elena são como pedras. Frios. Duros. Ela está diante do meu rosto. Com raiva. *Eu fui a melhor coisa que já aconteceu para você. Olhe para você agora. Um dos empresários mais ricos e bem-sucedidos dos Estados Unidos. Controlado, focado, não precisa de nada. Você é o mestre do seu universo.* Agora ela está de joelhos. Na minha frente. Curvada. Nua. Sua testa pressionando o piso do porão. Seu cabelo, uma grinalda reluzente nas tábuas escuras de madeira. Sua mão está estendida. Espalmada. Suas unhas vermelhas. Ela está implorando. *Mantenha a cabeça no chão.* Minha voz ecoa pelas paredes de concreto. Ela quer que eu pare. Está no limite. Aperto ainda mais o chicote. *Chega, Grey.* Com os dedos, envolvo o meu pau, duro por causa de sua boca, coberto de pontos vermelhos do seu batom. Minha palma se move para cima e para baixo. Rápido. Mais rápido. Mais rápido. *Isso.* Eu gozo e gozo. Com um grito alto e gutural. Tingindo as suas costas com a minha porra. Estou de pé acima dela. Ofegante. Inebriado. Saciado. Ouve-se um barulho forte. A porta se abre de supetão. A silhueta do homem ocupa o vão da porta. Ele urra, e o som de gelar o sangue inunda o cômodo. *Não.* Elena grita. *Merda. Não. Não. Não.* Ele está aqui. Ele sabe. Ela se coloca de pé entre mim e ele. *Não,* ela grita, e ele a esbofeteia com tanta força que ela cai no chão. Ela grita. E grita. E grita.

*Largue ele. Largue ele.* Estou em estado de choque. E ele me acerta. Um gancho de direita no queixo. Eu caio. E caio. Minha cabeça gira. Estou desmaiando. *Não. Pare de gritar. Pare.* E a gritaria continua. Sem parar. Estou embaixo da mesa da cozinha. Minhas mãos nos ouvidos. Mas elas não bloqueiam o barulho. Ele está aqui. Escuto o som de suas botas. Botas enormes. Com fivelas. Ela está gritando. E gritando. O que ele fez? Onde ela está? Sinto o fedor antes de ver o homem e ele espia por baixo da mesa, o cigarro aceso na mão. *Você está aqui, seu merdinha.*

Acordo de repente, respirando com dificuldade e encharcado de suor, o medo disparando em minhas veias.

*Onde estou?*

Meus olhos se ajustam à luz. Estou em casa. Escala. O nascer do sol, prestes a acontecer, lança um brilho rosado sobre a silhueta adormecida de Ana, e sinto o alívio me invadir como uma brisa fresca de outono.

*Ainda bem, porra.*

*Ela está aqui. Comigo.*

Solto uma respiração longa e tranquilizante enquanto tento desanuviar a mente.

*Que diabo foi isso tudo?*

São raras as vezes em que sonho com Elena, muito menos com *aquela* tenebroso momento de nossa história. Estremeço enquanto permaneço deitado fitando o teto, e sei que estou ligado demais para voltar a pegar no sono. Penso em despertar Ana — desejoso de me perder nela mais uma vez —, porém sei que não é justo. Na noite

passada, ela demonstrou sua energia além da conta; ela tem que trabalhar mais tarde e precisa dormir. Além disso, estou inquieto, minha pele está pinicando, e o pesadelo me deixou com um gosto amargo na boca. Deve ser o fim da minha amizade e dos negócios com Elena que está assombrando minha psique. Afinal, a Sra. Lincoln foi minha estrela guia por mais de uma década.

*Merda.*

Tinha que ser feito.

Está acabado. *Tudo aquilo acabou.*

Eu me sento e passo a mão no cabelo, tomando o cuidado de não perturbar Ana. É cedo — 5h05 —, e neste momento preciso de um copo d'água.

Rolo para sair da cama e acabo pisando na minha gravata, descartada após as divertidas brincadeiras de ontem à noite. Uma lembrança deliciosa de Ana invade meus sentidos, suas mãos atadas acima da cabeça, seu corpo rígido, a cabeça inclinada para trás em êxtase enquanto ela agarra as ripas cinza-claras da cabeceira e eu uso minha língua para dar total atenção a seu clitóris. Trata-se de uma recordação muito mais agradável do que os vestígios do pesadelo. Pego a gravata, dobro-a e coloco-a sobre a mesa de cabeceira.

Não é comum que eu tenha pesadelos quando Ana dorme ao meu lado. Espero que seja só dessa vez. Ainda bem que hoje tenho uma consulta com Flynn, pois vou poder destrinchar essa nova situação com ele.

Vestindo a calça do pijama, pego meu celular e saio do quarto. Talvez um pouco de Chopin ou Bach me tranquilize.

Quando me sento ao piano, verifico as mensagens. Há uma, de Welch, enviada à meia-noite, que me chama a atenção.



WELCH

Suspeita de sabotagem.

Relatório inicial de manhã cedo.

*Merda.* Meu couro cabeludo fica formigando enquanto o sangue foge da minha cabeça.

Meus temores se confirmaram. Alguém quer me ver morto.

*Quem?*

Minha mente repassa os poucos sócios nos negócios que desbanquei ao longo dos anos.

Woods? Stevens? Carver? Quem mais? Waring?

Será que eles chegariam a esse ponto?

Todos ganharam dinheiro; rios de dinheiro. Apenas perderam suas empresas. Não dá para acreditar que o acidente possa estar ligado a minhas transações comerciais.

Será que é algo pessoal?

Só há uma pessoa que merece tanto destaque a esse respeito: o Linc. Porém, o ex-marido de Elena já se vingou dela, e isso aconteceu anos atrás. Por que agiria agora?

Talvez seja outra pessoa. Um funcionário insatisfeito? Uma ex? Não consigo pensar em ninguém que pudesse fazer tal coisa. Com exceção de Leila, todas estão muito bem de vida.

Preciso processar essa história toda.

*Ana! Merda!*

Se estão atrás de mim, podem machucá-la. O medo me invade como um fantasma, provocando arrepios. Tenho que proteger Ana a qualquer custo. Mando uma mensagem para Welch.

Reunião hoje cedo.  
8:00 Grey House

WELCH

Entendido

Mando uma mensagem de texto para Andrea, dizendo para cancelar todos os meus compromissos, e depois um e-mail para Taylor.

---

**De:** Christian Grey  
**Assunto:** Sabotagem  
**Data:** 21 de junho de 2011 05:18  
**Para:** J B Taylor

Welch me informou que o *Charlie Tango* pode ter sido sabotado. O relatório inicial vai estar em nossas mãos hoje de manhã. Vamos nos reunir na Grey House às 8:00.

Recontrate Reynolds e Ryan, se ainda estiverem disponíveis. Quero Ana com vigilância o tempo todo. Sawyer pode ficar com ela hoje.  
Obrigado.

Christian Grey  
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Preciso liberar toda a energia reprimida e decido malhar. Entrando no closet sem fazer barulho, mudo de roupa rápida e silenciosamente, para não despertar Ana.

Enquanto corro na esteira, assisto aos mercados na TV, escuto Foo Fighters e me pergunto quem quer me matar, porra.



ANA CHEIRA A SONO e sexo e um pomar perfumado no outono. Por um instante, sou levado a uma época mais feliz, livre de problemas, só eu e minha garota.

— Ei, baby, acorde. — Acaricio sua orelha com meu nariz.

Ela abre os olhos, e sua expressão, já suave do sono, se ilumina como uma aurora dourada.

— Bom dia — diz, e passa o polegar em meus lábios; depois me dá um beijo casto.

— Dormiu bem? — pergunto.

— Hum... você tem um cheiro tão gostoso. Você está tão gostoso.

Abro um sorriso. Não passa de um terno bem-cortado.

— Tenho que ir para o escritório cedo.

Ana se senta na cama.

— Já?

Ela olha o despertador. São 7h08.

— Houve um imprevisto. Sawyer vai ficar grudado em você hoje e manter a imprensa afastada. Tudo bem?

Ela concorda com a cabeça.

Ótimo. Não quero assustá-la com a notícia sobre *Charlie Tango*.

— Vejo você mais tarde. — Beijo sua testa e saio antes de cair na tentação de ficar.

O relatório é breve.

Sistema de Relatos de Acidentes e Incidentes da  
Administração Federal de Aviação

## INFORMAÇÕES GERAIS

Fonte de Dados: BASE DE DADOS DE ACIDENTES E INCIDENTES

Número do Relatório: 20110453923

Data Local: 17-JUN-11

Cidade: CASTLE ROCK

Estado: WA

Nome do aeroporto: HELIPORTO DE PORTLAND

Tipo de Evento: INCIDENTE

Colisão no Ar: NÃO NO AR

## INFORMAÇÕES DA AERONAVE

Dano à aeronave: SUBSTANCIAL

Fabricante/Marca da Aeronave: EURCPT

Modelo da Aeronave: EC-135

Série da Aeronave: EC-135-P2

Hrs de Voo: 1.470

Operador: GEH INC

Tipo de Operação: TÁXI/TRANSPORTE AÉREO

Nº Registro: N124CT

Total de Pessoas a Bordo: 2

Mortos: 0

Feridos: 0

Classe de Peso da Aeronave: ATÉ 5.670 KG

Número de Motores: 2

Marca do Motor: TURBOM

Modelo do Motor: ARRIUS 2B2

## INFORMAÇÕES AMBIENTAIS E DE OPERAÇÕES

Condições Primárias de Voo: REGRAS DE VOO VISUAL

Condições Secundárias de Voo: FATOR TEMPO DESCARTADO

Plano de Voo Arquivado: SIM

## PILOTO NO CONTROLE

Certificado do Piloto: PILOTO COMERCIAL

Classificação do Piloto: HELICÓPTERO

Qualificação do Piloto: QUALIFICADO

Tempo voo – Horas Totais: 1.180

Total na Marca/Modelo: 860

Total nos Últimos 90 Dias: 28

## OBSERVAÇÕES SOBRE O EVENTO

EM 17 DE JUNHO DE 2011, ÀS 14:20 PT APROXIMADAMENTE, UM EC-135, N124CT, PERTENCENTE À GREY ENTERPRISES HOLDINGS INC., E OPERADO PELA MESMA, SOFREU UM GRAVE INCIDENTE. A AERONAVE APRESENTAVA ESTABILIDADE QUANDO DE SÚBITO INCLINOU E A LUZ DE FOGO NO MOTOR #1 ACENDEU. O PILOTO ESTABILIZOU O MOTOR #1 COM O EXTINTOR DE INCÊNDIO E TENTOU RETORNAR PARA O AEROPORTO DE SEATTLE-TACOMA COM O MOTOR REMANESCENTE. A LUZ DE FOGO NO MOTOR #2 ACENDEU. O PILOTO FEZ UM POUSO DE EMERGÊNCIA NO CANTO SUDOESTE DE SILVER LAKE. AO POUSAR, O PILOTO UTILIZOU O SEGUNDO EXTINTOR DE INCÊNDIO E DESLIGOU E EVACUOU A AERONAVE. NÃO FOI REPORTADO NENHUM FERIDO. O PILOTO UTILIZOU O EXTINTOR DE INCÊNDIO PORTÁTIL A BORDO. O FABRICANTE DA AERONAVE ESTÁ EXAMINANDO OS MOTORES DA AERONAVE E A AVALIAÇÃO INICIAL É QUE O DANO É SUSPEITO E PODE SER RESULTADO DE INTERFERÊNCIA DOLOSA. O CONSELHO NACIONAL DE SEGURANÇA NOS TRANSPORTES VAI REQUERER REVISÃO ADICIONAL.

Na minha sala, Welch, Taylor e eu nos debruçamos sobre o relatório. O rosto grisalho de Welch está mais sulcado do que nunca,

na luz crua da manhã, a expressão soturna.

— No momento, o Conselho de Segurança nos Transportes apenas suspeita de sabotagem, mas temos que prosseguir como se houvesse uma interferência dolosa. Com esse propósito, já checamos todas as gravações das câmeras do heliporto de Portland e não encontramos nenhuma atividade suspeita. — Ele se mexe na cadeira e pigarreja. — No entanto, há um problema no hangar da GEH no Boeing Field.

*Ah, é?*

— Duas das câmeras não estavam funcionando, e por isso não temos a cobertura completa.

— O quê! Como isso foi acontecer? — *Para que eu pago a essa gente, porra?*

— Estamos nos empenhando para descobrir — responde Welch, a voz profunda e rouca, como um carro velho. — É uma falha grave.

*Não diga, Sherlock.*

— Quem é o responsável?

— Há um sistema de turnos. Então, acaba que são quatro ou cinco pessoas.

— Se descobrirmos que foram negligentes, estão despedidos. Todos eles.

— Senhor.

Ele olha para Taylor.

— No momento, não temos nenhuma pista sobre quem está por trás disso — diz Taylor.

— Vão fazer uma análise detalhada da aeronave — acrescenta Welch. — Minha esperança é de que eles descubram alguma coisa.

— Quero mais do que só esperança, porra! — grito.

— Sim, senhor. — Os dois homens falam ao mesmo tempo, ambos parecendo contritos.

*Merda. Não é culpa deles. Grey. Controle-se.*

Continuo em um tom mais comedido:

— Descubram quem fez a cagada no hangar. Demitam essas pessoas. E logo que tiverem uma ideia do que aconteceu, quero saber. Enquanto isso, se assegurem de que o jato está protegido e a salvo.

— Sim, senhor — diz Taylor.

— É para já — grunhe Welch. Ele está uma fera. Não é para menos, já que tudo isso aconteceu sob a sua responsabilidade. — O Conselho Nacional de Segurança nos Transportes está concentrado no caso, e espero que eles informem às autoridades legais à medida que as investigações avançarem; e, se necessário, que convidem as autoridades para uma investigação paralela. Vou entrar em contato com o Conselho para confirmar isso.

— A polícia? — pergunto.

— Não. Vai ser o FBI.

— Tudo bem. Talvez eles descubram alguma coisa. Como estamos em relação à escolta pessoal?

— Tanto o Reynolds quanto o Ryan estão disponíveis e começam hoje.

— Quero manter Anastasia fora disso. Ela não precisa se preocupar. E quero ver a lista de quem pode estar por trás da sabotagem. Tenho que admitir que estou meio perdido.

— Meu pessoal está compilando uma lista de suspeitos em potencial — garante Welch.

— Vou fazer o mesmo.

— Senhor, agora que isso está na página da Administração Federal de Aviação, a imprensa pode perceber e começar a fazer perguntas — lembra Taylor.

*Merda.*

— Tem razão. Pode entrar em contato com o Sam agora. Vou dizer para ele vir até aqui.

— Pode deixar — responde ele.

Se isso se tornar público, tenho que contar a Ana, também.

*Como é que chegamos a isso, porra?*

*Sabotagem!*

*Não preciso dessa merda agora.*

Deixo os dois homens discutindo prováveis suspeitos e coloco minha cabeça porta afora. Andrea ergue o olhar do computador.

— Sr. Grey?

— Peça a Sam e Ros para se juntarem a nós.

— Está bem.



OUÇO UMA BATIDA NA porta da minha sala. É Andrea.

— O senhor gostaria de um café?

— Sim, por favor.

Na tela do computador há uma lista de todas as aquisições que fiz desde que comecei a empresa. Examino cada uma para ver se consigo encontrar algum possível suspeito. Até agora, sem resultados; é decepcionante. Bem no fundo estou preocupado com Ana — se alguém quer me fazer mal, ela poderia acabar como um efeito colateral. Como eu poderia viver em paz se isso acontecesse?



— Com leite?

— Não. Puro. Forte.

— Sim, senhor.

Ela fecha a porta e surge um e-mail da minha garota.

---

**De:** Anastasia Steele

**Assunto:** Calmaria antes/depois da tempestade?

**Data:** 21 de junho de 2011 14:18

**Para:** Christian Grey

Meu queridíssimo Sr. Grey,

Você está muito quieto hoje. Isso me preocupa.

Espero que tudo esteja bem na terra dos negócios e altas finanças.

Obrigada pela noite passada. Você tem uma boca e tanto. ;)

Bjs

A

P.S.: Vou ver o Sr. Bastille no final da tarde.

*Ana!* Uma onda suave se espalha por baixo do meu colarinho e afrouxo a gravata. Ela é bem provocativa ao escolher as palavras. Digito a resposta.

---

**De:** Christian Grey

**Assunto:** A tempestade está aqui

**Data:** 21 de junho de 2011 14:25

**Para:** Anastasia Steele

Minha querida noiva,

Devo lhe dar os parabéns por se lembrar do seu BlackBerry.

As nuvens da tempestade estão se juntando aqui e vou informá-la em casa

sobre a previsão do tempo e o iminente dilúvio.

Enquanto isso, espero que Bastille não pegue muito pesado com você. Esse é o meu trabalho. ;)

Agradeço a VOCÊ pela noite passada. Sua energia e sua boca continuam a me surpreender da melhor maneira possível. ;) ;) :)

Christian Grey

Meteorologista & CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

P.S.: Gostaria que você pegasse o resto dos seus pertences no seu apartamento nesta semana. Você nunca está lá...

---

**De:** Anastasia Steele

**Assunto:** Previsão do tempo

**Data:** 21 de junho de 2011 14:29

**Para:** Christian Grey

Seu e-mail pouco fez para aliviar minhas preocupações. Fico mais tranquila ao saber que, se necessário, você possui um estaleiro e pode sem dúvida construir uma arca. Você é, afinal, o homem mais competente que conheço.

Bjsss

Sua amada Ana

P.S.: Vamos conversar hoje à noite sobre quando vou me mudar para a sua casa.

P.P.S.: Você gosta mesmo de meteorologia?

O e-mail dela me faz sorrir e passo o dedo indicador pelos Bjsss.

---

**De:** Christian Grey

**Assunto:** Você É O Que Eu Gosto Mesmo.

**Data:** 21 de junho de 2011 14:32

**Para:** Anastasia Steele

Sempre.

Christian Grey

CEO loucamente apaixonado, Grey Enterprises Holdings, Inc.



SÃO 17H30 QUANDO O Dr. Flynn acena para que eu entre em seu consultório.

— Boa tarde, Christian.

— John. — Ando lentamente até o sofá, me sento e espero que ele se acomode em sua cadeira.

— Então, um grande fim de semana para você — diz, soando afável.

Desvio o olhar. Não sei por onde começar.

— O que foi? — pergunta ele.

— Alguém está tentando me matar.

Flynn empalidece... Acho que pela primeira vez na minha frente.

— O acidente? — indaga.

Confirmo com um movimento da cabeça.

— Sinto muito por ouvir isso. — Ele franze a testa.

— Meu pessoal todo está focado no caso. Mas não faço ideia de quem possa ser.

— Não tem nenhuma suspeita?

Balanço a cabeça.

— Bem — diz ele —, espero que a polícia esteja investigando e que você encontre o culpado.

— Vai ser o FBI. Mas minha preocupação principal é Ana.

John assente.

— A segurança dela?

— Isso. Contratei uma segurança adicional, mas não sei se será suficiente. — Engulo em seco diante da crescente ansiedade.

— Já conversamos sobre isso. Sei que você detesta se sentir fora do controle. Sei que sente pânico em relação à Ana, e compreendo esse sentimento. Mas você tem os recursos e providenciou medidas para mantê-la a salvo. É tudo o que se pode fazer. — Seu olhar é equilibrado e sincero, e suas palavras, reconfortantes. Ele sorri e acrescenta: — Você não pode trancafiar a Ana.

Minha risada é catártica.

— Eu sei.

— Também sei que você gostaria, mas se coloque no lugar dela.

— É, eu sei. Eu entendo. Não quero afugentar a Ana.

— Exato. Ótimo.

— Não é só disso que eu quero falar.

— Tem mais?

Solto um longo suspiro e relato, do modo mais breve possível, a discussão que tive com Elena na minha festa de aniversário, e as brigas subsequentes com cada um dos meus pais.

— Tenho que confessar, Christian, que não há monotonia quando se trata de você. — Flynn esfrega o queixo em resposta ao meu sorriso resignado. — Só temos uma hora; sobre o que você prefere conversar?

— Tive um pesadelo na noite passada. Com a Elena.

— Estou escutando.

— Cortei meus vínculos com ela, atendendo aos pedidos dos meus pais. Doei a firma para ela.

— Muito generoso de sua parte.

Dou de ombros.

— É verdade. Mas me sinto bem com isso, acho. É claro que ela continua me ligando, mas foram só duas vezes hoje.

— Ela teve uma influência imensa em sua vida.

— Teve, sim. Mas chegou a hora de eu seguir em frente.

Ele parece pensativo.

— O que você achou mais perturbador, a discussão com Elena ou com os seus pais?

— Com a Elena foi esquisito, porque a Ana estava presente. Nós estávamos rancorosos um com o outro. — Meu arrependimento transparece em meu tom de voz, e, bem no fundo, eu gostaria que nós tivéssemos nos afastado em condições mais amigáveis. — E a Grace estava tão furiosa comigo... Eu nunca a tinha ouvido falar palavrão. Mas a briga com o meu pai foi o pior. Ele foi um babaca.

— Ele estava irritado?

— Muito. — Ignoro a pontada de culpa por minha deslealdade em relação a Carrick.

— Fico me perguntando se ele não está projetando em você uma raiva que sente de si mesmo. Consegue entender por que ele se sente dessa forma, não é?

*Não. Sim. Talvez.*

— Quer você concorde ou não — continua Flynn —, é provável que seu pai ache que a Elena se aproveitou de um adolescente vulnerável. Era o papel dele proteger você. Ele fracassou. Talvez seja assim que ele vê a situação.

— Ela não se aproveitou. Eu estava mais do que disposto. — Minha frustração ecoa nas palavras.

*Estou tão farto dessa discussão...*

John suspira.

— Já conversamos muitas, muitas vezes, e não quero discutir com você sobre isso de novo, mas talvez você possa tentar encarar a situação a partir do ponto de vista do seu pai.

— Ele disse que talvez eu não esteja preparado para ser um bom marido.

Flynn parece espantado.

— Ah. Como você se sentiu a respeito disso?

— Com raiva. Preocupado que ele pudesse estar certo.

*Envergonhado.*

— Em que contexto ele disse isso?

Faço um gesto de desdém com a mão.

— Ele estava me dando uma bronca, falando sobre a santidade do casamento. Disse que, se eu não respeitava isso, era melhor não me casar.

John franze a testa.

— Já que a Elena era casada — explico.

— Entendo. — Flynn crispa os lábios. — Christian — fala ele, com delicadeza. — O seu pai pode ter alguma razão até certo ponto.

*O quê?*

— Ou você estava ali por vontade própria, ciente de que ela era uma mulher casada mas mesmo assim quis continuar o relacionamento, este que custou a ela o casamento e muito mais, considerando o que aconteceu, ou você era um adolescente vulnerável de quem ela se aproveitou. Qual dos dois? Não dava para você ser os dois.

Eu o encaro furioso.

*Que. Diabo. É. Isso?*

— Casamento é coisa séria — continua.

— Porra, John, eu sei. Você está falando igualzinho a ele!

— Estou? Não foi minha intenção. Só estou aqui para lhe oferecer alguma perspectiva.

*Perspectiva? Foda-se.*

Enfurecido, eu o encaro, depois abaixo o olhar para minhas mãos, à medida que o silêncio cresce entre nós.

*Perspectiva o caralho.*

— Acho que Carrick está errado — balbucio depois de um tempo, e percebo que pareço o adolescente carrancudo que meu pai ainda acha que eu sou.

— É claro que está. Não importa a minha opinião sobre o seu relacionamento com a Sra. Lincoln, ao longo dos anos você demonstrou um compromisso constante com ela. Acho que o seu remorso por romper todo o contato com ela é que está pesando na sua consciência.

— Não existe remorso! — disparo. — Fiz isso por livre e espontânea vontade.

— Culpa, então?

Suspiro.

— Culpa? Não me sinto culpado.

Será?

John permanece impassível.

— Daí os pesadelos? — questiono.

— Talvez. — Ele dá toques curtos sucessivos no lábio com o dedo indicador. — Você está abrindo mão de um relacionamento crucial, de longa data, para agradar a seus pais.

— Não é pelos meus pais. É pela Ana.

Ele concorda com a cabeça.

— Está rejeitando tudo o que você conhece por Anastasia, a mulher que você ama. É um passo gigantesco. — Ele sorri mais uma vez. — Na direção certa, se me perguntar.

Eu o fito, sem saber o que dizer.

— Pense em tudo o que eu falei. Nosso tempo acabou. Podemos continuar essa conversa no nosso próximo encontro.

Eu me levanto, sentindo-me meio confuso. Como sempre, Flynn me deu muito material para refletir. Porém, antes de nos falarmos de novo, tenho uma pergunta pendente.

— Como está a Leila?

— Evoluindo bem.

— Bom, que alívio.

— É mesmo. Nos vemos semana que vem.



TAYLOR ESTÁ ESPERANDO do lado de fora, no Q7.

— Vou para casa caminhando — informo a ele. Preciso de um tempo para refletir. — Vejo você lá no Escala.

Ele me lança um olhar aflito.

— O que foi?

— Senhor, eu ficaria muito mais confortável se fosse de carro.

*Ah, sim. Alguém está tentando me matar.*

Fecho a cara quando Taylor abre a porta traseira, mas, resignado, entro no automóvel.

*Não sou mais o mestre do meu próprio universo?*

Meu mau humor piora.





— ONDE ESTÁ A ANA? — pergunto à Sra. Jones quando entro na sala de estar.

— Boa noite, Sr. Grey. Acredito que esteja tomando banho.

— Obrigado.

— Jantar em vinte minutos? — indaga enquanto mexe uma panela no fogão. O aroma é irresistível.

— Melhor que seja em trinta.

Ana no banho traz possibilidades. A Sra. Jones esconde um sorriso, mas percebo e o ignoro. Saio em busca da minha garota. Ela não está no banheiro, mas no quarto, junto à janela, enrolada em uma toalha e meio molhada do banho.

— Oi — cumprimenta ela com um enorme sorriso que desaparece quando me aproximo. — O que aconteceu?

Antes que eu possa responder, dou um abraço apertado nela e a mantenho ali, inspirando seu perfume doce, pós-banho. Tranquiliza a minha alma.

— Christian. O que houve?

Ela passa as mãos pelas minhas costas, me aproximando de si.

— Só quero abraçar você.

Enterro o rosto em seu cabelo, que está enrolado no alto em um coque caótico.

— Eu estou aqui. Não vou a lugar nenhum. — Sua voz está tingida de tensão.

Detesto quando Ana fica ansiosa. Seguro sua cabeça, puxando-a para trás, e pressiono os lábios nos dela, beijando-a, despejando minha ansiedade no beijo. Ela retribui na mesma hora, acariciando

meu rosto, se abrindo para mim, a língua duelando com a minha.

*Ah, Ana.*

Quando ela se afasta, estamos ambos ofegantes, e estou de pau duro.

*Duro para caralho. Por ela.*

— O que há de errado? — pergunta ela, me convencendo com gentileza, seu olhar examinando meu rosto em busca de indícios.

— Mais tarde — murmuro nos lábios dela, e começo a levá-la de costas até a cama.

Ela agarra minhas lapelas e tenta tirar o paletó ao mesmo tempo em que sua toalha cai no chão, deixando-a nua nos meus braços.

Estendendo a mão, puxo o elástico que segura seu coque precário e solto seu cabelo, que se espalha em torno dos ombros e seios. Minhas mãos deslizam por suas costas, e eu agarro seu traseiro, puxando Ana para mim.

— Quero você.

— Dá para perceber. — Ela se contorce junto à minha ereção.

É foda. Abro um largo sorriso e, com delicadeza, a empurro até a cama, onde ela se esparrama em toda a sua nudez gloriosa, enquanto fico de pé acima dela, as pernas entre seus joelhos.

— Assim está melhor — sussurro, minha irritação prévia já esquecida.

— Sr. Grey, por mais que eu goste de você de terno, agora parece estar vestido demais. — Sua ansiedade desapareceu, seus olhos brilham para mim, cheios de desejo e provocação. É excitante.

— Bem, tenho que ver o que posso fazer a respeito disso, Srta. Steele.

Ela morde o lábio inferior e desliza os dedos para baixo, entre os

seios. Os mamilos estão rosados, eretos e prontos. Para a minha boca.

Faço uso de toda a minha força de vontade para não arrancar minhas roupas e me enterrar nela. Em vez disso, agarro o nó da gravata e o puxo aos poucos para que ele se desfaça devagar. Quando ela se afrouxa, eu a joga ao chão e desabotoo o primeiro botão da camisa.

Ana abre a boca em um arquejo sensual, de quem está gostando.

Em seguida, eu me livro do paletó e o deixo cair no chão, onde ele aterrissa com um leve baque. Imagino que seja meu telefone, mas ignoro o barulho e puxo a bainha da camisa para fora da calça.

— Tiro ou não? — pergunto.

— Tire. Agora. Por favor. — Ana não hesita.

Abro um sorriso e solto a abotoadura esquerda, depois repito o processo com a direita.

Ana se retorce na cama.

— Fique quieta, baby — sussurro enquanto desabotoo o botão inferior da camisa; depois meus dedos passam para o seguinte, e o próximo, sem desviar os olhos dos dela.

Quando termino de abrir a camisa, a peça recebe o mesmo destino do paletó. E então me ocupo do cinto. Ana arregala os olhos, e nós absorvemos um a visão do outro. Arrasto a ponta do cinto pela tira do cóis e abro a fivela; e, o mais devagar possível, eu o puxo para fora.

Ana vira um pouco a cabeça, me observando, e reparo que o movimento para cima e para baixo de seus seios aumenta à medida que sua respiração acelera.

Dobro o cinto em dois e o deixo deslizar por meus dedos.

*Ah, Ana... as coisas que eu gostaria de fazer com isso.*

Seus quadris também sobem e descem.

Puxo as duas pontas do cinto de forma que ele dê um estalo. Ana não pisca, mas sei que não é o que ela quer, então eu o jogo no chão. Ela força uma respiração rasa, parecendo ao mesmo tempo aliviada e talvez um pouco decepcionada, não sei. Porém, não está na hora de pensar nisso. Tiro os sapatos e as meias, depois abro o botão da calça e desço a braguilha.

— Pronta? — pergunto.

— E à sua espera. — Sua voz está rouca de desejo. — Mas estou gostando do show.

Abro um sorriso e baixo a calça e a cueca, liberando minha ereção. Ajoelhando-me no chão, percorro uma trilha de beijos na parte interna de sua panturrilha, até a coxa, ao longo da linha dos pelos pubianos, chegando ao umbigo, a cada um dos seios, até que estou pairando sobre ela, posicionado e pronto.

— Eu te amo — sussurro, e a penetro, beijando-a ao mesmo tempo.

Ela geme.

— Christian.

E começo a me mover. Devagar. Saboreando-a. Minha doce, doce Ana. Meu amor. Ela enrosca as pernas em torno do meu tronco, seus dedos mergulhando no meu cabelo e puxando com força.

— Também te amo — ronrona ela em meu ouvido e se move comigo, no mesmo ritmo.

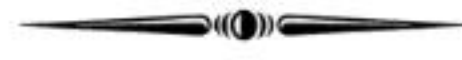
Juntos.

Nós.

Como um só.

E, quando desmorona em meus braços, ela me leva consigo.

— Ana!



ELA ESFREGA O NARIZ em meu peito e fico tenso, esperando pela escuridão. Assim, ela para e ergue a cabeça.

— Por mais que eu tenha apreciado o seu striptease improvisado e o que veio depois, vai me dar a previsão do tempo que você mencionou em suas mensagens e me contar qual é o problema?

Arrasto as pontas dos dedos para cima e para baixo em suas costas.

— Podemos comer primeiro?

Ela sorri.

— Podemos. Estou com fome. E talvez eu precise tomar outro banho.

Abro um sorriso.

— Gosto de deixar você suja. — Eu me sento e dou um tapa em seu traseiro. — Levante-se! Falei para a Gail que levaríamos meia hora.

— Você falou? — Ana fica escandalizada.

— Falei, sim.

E sorrio.



O PRATO DE CURRY verde tailandês da Sra. Jones é delicioso, assim como a taça de Chablis que tomamos para acompanhar.

— Então, chegou o relatório inicial da Administração Federal de Aviação, e, em algum momento, vai se tornar público.

— Ah, é? — Ana ergue os olhos do prato.

— Parece que o *Charlie Tango* foi adulterado.

— Sabotagem?

— Exato. Aumentei nossa segurança até descobrirmos o responsável. E acho que é melhor você ficar aqui por enquanto.

Ela concorda com um aceno de cabeça, os olhos arregalados de preocupação.

— Temos que nos precaver.

— Tudo bem.

Ergo uma sobrancelha.

— Eu posso fazer isso — acrescenta ela, rápido.

Ótimo. Essa foi fácil.

Mas ela parece abalada.

— Ei, não se preocupe — murmuro. — Vou fazer tudo ao meu alcance para proteger você.

— Não é comigo que estou preocupada, é com você.

— Taylor e a equipe dele estão focados nisso. Não se preocupe.

Ela franze a testa e larga o garfo no prato.

— E não pare de comer.

Ana mexe o lábio inferior, e estico o braço para pegar sua mão.

— Ana. Vai ficar tudo bem. Confie em mim. Não vou deixar nada acontecer com você. — Mudo de assunto, esperando levar a conversa a algo mais seguro. — Como foi com Bastille?

Sua expressão se abre, com um sorriso carinhoso.

— Ele é bom. Meticuloso. Acho que vou gostar das aulas com ele.

— Estou ansioso para lutar com você.

— Achei que já tínhamos feito isso, Christian.  
Eu rio. *Ah, touché, Anastasia... touché.*

## QUINTA-FEIRA, 23 DE JUNHO DE 2011

---

O sol da manhã flui pela janela da minha sala quando Ros entra, e nos sentamos na pequena mesa de reuniões.

— Como você está se sentindo? — pergunto.

— Bem, obrigada, Christian. Acho que me recuperei totalmente da aventura do pouso forçado do helicóptero na semana passada.

— Seus pés?

Ela ri.

— Sim. Bolhas sob controle. E você?

— Sim, obrigado. Acho que sim. Se bem que saber que foi sabotagem é uma merda.

— Quem faria uma coisa dessas?

— Não tenho a menor ideia.

— Já considerou algum funcionário insatisfeito?

— O pessoal de Welch está examinando todos os arquivos de funcionários e ex-funcionários para ver se eles topam com alguns possíveis suspeitos. Só identificamos Jack Hyde, o cara que demiti da SIP.

— O editor de livros? — É evidente a descrença de Ros, a julgar pela interrogação em tom agudo. Sua expressão chocada quase me faz rir.

— Isso.

— Parece improvável.

— Parece. Welch está tentando encontrá-lo, pois, pelo visto,



Hyde não voltou para o apartamento dele desde a demissão. Welch está seguindo essa pista.

— Woods? — sugere ela, como se tivesse tido uma inspiração súbita.

— Ele é, com certeza, um suspeito. De novo, Welch está investigando.

— Seja quem for, espero que você pegue o canalha.

— Também espero. — Quanto antes, melhor. — Qual é o primeiro compromisso em sua agenda hoje de manhã?

— Kavanagh Media. Precisamos acelerar esse negócio. Você já aprovou os custos?

— Eu sei. Eu sei. Tenho algumas dúvidas, que vou discutir com Fred. Porém, uma vez resolvido isso, nossa proposta final pode ser enviada. Se o pessoal de lá aprovar o custo por metro, podemos iniciar as pesquisas de fibra ótica.

— Tudo bem. Vou segurar o projeto até você checar com Fred.

— Vou me encontrar com ele mais tarde, aí poderemos conversar. Ele vai me mostrar a versão mais recente do tablet. Acho que estamos prontos para o próximo protótipo.

— Boa notícia. Já pensou no próximo passo com Taiwan?

— Li os relatórios. São interessantes. É óbvio que o estaleiro deles está prosperando, e entendo por que querem expandir. Mas o que não compreendo direito é por que estão se voltando para os Estados Unidos para conseguir investimento.

— Tio Sam está do nosso lado — afirma Ros.

— Verdade. Tenho certeza de que terão vantagens fiscais, mas é um passo considerável mudar parte da nossa base de construção para longe de Seattle. Preciso saber se são estáveis e se funciona para a

GEH.

— Christian, vai ser mais barato a longo prazo. Você sabe disso.

— Sem dúvida, e com o preço do aço subindo como está no momento, pode ser a única maneira de manter o estaleiro da GEH aberto a longo prazo e assegurar os empregos daqui.

— Acho que devíamos fazer um estudo de impacto abrangente para avaliar o que isso vai representar para nosso estaleiro e nossa força de trabalho.

— Isso — respondo. — É uma boa ideia.

— Tudo bem. Vou falar com Marco e encarregar a equipe dele disso. Mas acho que não vamos poder protelar isso por muito tempo. Eles vão acabar procurando outra opção.

— Entendi. O que mais temos?

— A fábrica. Detroit. Bill identificou três locais possíveis, terrenos abandonados, e estamos esperando que você tome uma decisão.

Ela me lança um olhar determinado, pois sabe que tenho adiado fazer isso.

*Porra, por que tem que ser em Detroit?*

Suspiro.

— Muito bem. Sei que Detroit está oferecendo os melhores incentivos. Vamos fazer uma análise comparativa de custos, depois repassamos os prós e contras de cada local. Vamos tentar concluir isso até semana que vem.

— Tudo bem. Ótimo.

Voltamos a conversar sobre Woods e a que recursos legais vamos recorrer, se for o caso, por seu desrespeito ao nosso acordo de confidencialidade.

— Acho que ele se ferrou — sussurro com desdém. — A

imprensa não foi nada gentil com ele.

— Rascunhei uma carta e ameacei com um processo legal.

— E expressou nossa decepção?

Ela ri.

— Sim.

— Vamos ver se com isso ele fica calado. Babaca — murmuro entre os dentes, mas Ros franze a testa desaprovando o epíteto que usei.

— Ele é um babaca! — exclamo na defensiva. — E é um suspeito.

Sempre profissional, Ros ignora minha falta de educação.

— Um assunto pessoal: estamos avançando na compra da sua casa. Mas vai ter que colocar o dinheiro sob custódia. Vou lhe mandar os detalhes e você pode continuar com os levantamentos.

— Eu disse ao empreiteiro que vamos começar isso na semana que vem, mas agora não sei se vou precisar deles. Planejo fazer mudanças na casa.

— Mal não faz. Seria bom para o seu empreiteiro saber com o que estão lidando.

Aquiesço.

— Tem razão.

Ros franze o cenho mais uma vez.

— Sabe, andei pensando... — Ela faz uma pausa.

— O que é?

— Considerando a ameaça à sua vida, você já pensou em instalar um quarto do pânico em seu apartamento?

Isso me deixa surpreso.

— Não, nunca me ocorreu, porque moro em uma cobertura. Mas

você está certa, talvez eu deva fazer isso agora.

Seu sorriso é sombrio.

— Acho que isso é tudo.

— Ainda não. — Pego a sacola da Nordstrom que estava embaixo da mesa e que Taylor havia entregue no início da manhã. — Isso é para você. Conforme prometido.

— Como assim?

Ros franze a testa, confusa, quando pega a sacola e dá uma olhada no que tem dentro.

— Manolos. Do seu número, espero.

— Christian, você... — protesta ela.

Ergo as mãos.

— Dei minha palavra. Espero que sirvam.

Ela inclina a cabeça e me olha com o que parece ser afeição. É desconcertante.

— Obrigada. E, só para deixar registrado, apesar do que aconteceu, eu voaria de novo com você, a qualquer momento.

*Uau. Que baita elogio.*



QUANDO ROS SAI, VOLTO à minha mesa e telefono para Vanessa Conway, do setor de aquisições. Tenho pensado em fazer isso há dias.

— Sr. Grey — atende ela.

— Oi, Vanessa. Esta é uma tarefa difícil, mas aqui vai ela: depois que meu helicóptero caiu, Ros e eu fomos resgatados por um sujeito chamado Seb, que estava dirigindo um caminhão. Ele trabalha

sozinho. Não sei se temos alguma vaga para ele; ele dirige um caminhão enorme.

— Quer que eu entre em contato com Seb?

— Quero. Mas antes você vai precisar encontrá-lo. Não sei nada sobre ele.

— Hmm. Vou ver o que posso fazer.

— Ele viaja principalmente entre Portland e Seattle. Acho.

— Tudo bem. Deixe comigo.

— Obrigado, Vanessa. — Desligo e desejo mais uma vez que Seb tivesse me dado um cartão.

Pelo menos, ele tem o meu, se não jogou fora. Gostaria de recompensá-lo de alguma maneira.

Volto-me para o computador e checo minhas mensagens. Há um e-mail de Ana.

---

**De:** Anastasia Steele

**Assunto:** Saudades de você

**Data:** 23 de junho de 2011 11:03

**Para:** Christian Grey

Só isso.

Bjs

A

---

**De:** Christian Grey

**Assunto:** E eu, mais ainda

**Data:** 23 de junho de 2011 11:33

**Para:** Anastasia Steele

Gostaria que você mudasse de ideia e levasse o resto das suas coisas para o

Escala neste fim de semana. Você já passa todas as noites comigo, e qual o sentido de pagar aluguel por um lugar onde você nunca fica?

Christian Grey  
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

Estou sutilmente tentando convencer Ana a vir morar de vez comigo. Mas por enquanto ela se recusa. Por que está hesitando tanto? Desde que chegou a Seattle, ela mal tem ficado em seu apartamento. Ela aceitou se casar comigo... mas não aceita isso?

Não entendo. É irritante.

*Vem morar comigo, Ana.*

---

**De:** Anastasia Steele  
**Assunto:** Fique comigo  
**Data:** 23 de junho de 2011 11:39  
**Para:** Christian Grey

Bela tentativa, Grey.  
Tenho algumas lembranças maravilhosas de você em meu apartamento.  
Eu lhe disse. Eu quero mais.  
Eu sempre quero mais.  
Fique comigo lá.  
Bjs  
A

Ah, Ana, Ana, Ana. Você sempre quer mais. E eu iria, se fosse seguro.

---

**De:** Christian Grey  
**Assunto:** Sua segurança  
**Data:** 23 de junho de 2011 11:42

**Para:** Anastasia Steele

Significa muito mais para mim atualmente do que criar lembranças.  
Posso manter você segura em minha Torre de Marfim.  
Por favor, reconsidere.

Christian Grey  
CEO, Grey Enterprises Holdings, Inc.

P.S.: Espero que goste da cerimonialista.

Minha mãe vai se encontrar hoje conosco no Escala, com a cerimonialista. Não era assim que eu queria passar a noite. Por que não podemos apenas ir para Las Vegas e nos casar? A essa altura, já seríamos marido e mulher. Eu me sentiria muito melhor se Ana parasse de procrastinar e viesse morar comigo.

*Por que ela está relutante?*

Será que ela precisa do apartamento como um refúgio, no caso de mudar de ideia?

*Merda.*

Dúvida é uma palavra feia para um sentimento feio.

*Por que ela não quer se comprometer totalmente?*

*Basta, Grey.*

*Ela aceitou se casar com você!*

Com o intuito de me desviar desses pensamentos inquietantes, pego o telefone para ligar para Welch e obter uma atualização da investigação sobre o acidente, além de perguntar se ele localizou Jack Hyde e descobrir o que ele sabe sobre quartos do pânico.



TAYLOR NÃO VAI ME deixar ir e voltar a pé do escritório do prefeito; então, após um longo almoço com o prefeito, me sento com relutância no banco traseiro do Audi para o curto trajeto de volta à Grey House. Não sei se aprecio vê-lo me cercando como uma mãe superprotetora. É sufocante. Deixo escapular um suspiro longo e lento, lembrando que Ana me acusa de cercá-la da mesma forma.

*Droga!* Espero que ela esteja tolerando o olhar vigilante de Sawyer.

Algo positivo foi que Taylor me aconselhou a parar de jogar golfe. Pelo visto, existem muitas árvores ao redor do campo de golfe nas quais um assassino pode se esconder. Não sou fã do esporte; portanto, não me importo de abrir mão dele, embora eu acredite que Taylor esteja sendo um pouco dramático.

Olhando para cima, através do teto solar panorâmico, vislumbro o azul do verão cintilando acima do aço e do vidro do centro de Seattle. Por um instante, eu gostaria de estar lá em cima.

*A liberdade de caminhar ao ar livre.*

Preciso voltar lá com Ana. Estaríamos a salvo em um planador, cortando o céu. E não mais sob a vigilância constante de nossos guarda-costas. A ideia é muito tentadora. O problema é que, se pretendo levar Ana, preciso de um novo planador; um modelo projetado para duas pessoas. Esfrego as mãos de prazer, pois trata-se do meu tipo de oportunidade de consumo. Tiro o telefone do bolso e começo a estudar a página de Alexander Schleicher, em busca dos últimos modelos de aeronaves.



— MUITO OBRIGADA, CHRISTIAN, Ana. Foi maravilhoso conhecer



vocês, e vocês vão ter um casamento mágico.

— Obrigada, Alondra — fala Grace, afetuosa. — Adorei suas ideias.

Minha mãe bate palmas com um entusiasmo pouco habitual, enquanto faço um esforço supremo para manter um sorriso fixo e não revirar os olhos. Estou me comportando de maneira exemplar. As ideias da Srta. Gutierrez são ótimas. Só quero que sejam realizadas, e rápido, para Ana e eu podermos nos casar.

— Levo você até a porta — diz Ana, e a conduz até o saguão.

— O que você achou? — indaga Grace.

— Ela é boa.

— Ah, Christian. — Mamãe parece irritada. — Ela é muito mais do que boa.

— Tudo bem. Ela é um presente de Deus em forma de cerimonialista. — Meu sarcasmo marca minhas palavras.

Grace contrai os lábios e acho que está a ponto de me repreender, mas Ana volta para a sala.

— O que você achou? — pergunta Ana, seu olhar procurando respostas em meu rosto.

— Achei que ela é boa. Você gostou? — Essa é a pergunta que importa.

— É claro. Ela é cheia de ideias criativas. Dra. Gre...

— Ana, *por favor*. Me chame de Grace.

— Grace — diz Ana, com um sorriso constrangido. — Então, seria melhor informarmos a data para todos os nossos convidados, não é? — Ana pisca sem parar, de repente parecendo em choque. — Nem sequer temos uma lista de convidados — sussurra.

— Isso é fácil — eu a tranquilizo.

Além da família, acho que tenho mais dois convidados: Ros e o Dr. Flynn, e seus respectivos acompanhantes. Talvez Bastille... e Mac.

— Tem mais uma coisa — fala Grace.

— O que é?

— Sei que você não quer uma cerimônia católica, mas poderia considerar chamar o reverendo Michael Walsh para officiar?

*Reverendo Walsh. O nome soa familiar.*

— É o capelão do meu hospital. É um amigo muito querido, e sei que você nunca foi muito com a cara de nenhum dos padres que conhecemos.

— Ah, sim, eu me lembro dele. Sempre foi gentil comigo. Não quero uma cerimônia religiosa, mas não vejo problemas em que ele seja o oficiante, se Ana aceitar.

Ana aquiesce, um pouco pálida; ela parece perplexa.

— Ótimo. Vou falar com ele amanhã. Enquanto isso, deixo vocês dois sozinhos para elaborar a lista. — Grace me oferece a bochecha, e eu lhe dou um beijo rápido. — Tchau, querido. Ana, tchau. Eu ligo para você.

— Ótimo — responde Ana, apesar de não sentir firmeza nela.

Será que ela não está contente com a cerimonialista? Será que está se sentindo tão desnordeada quanto eu? Dou um aperto em sua mão em um gesto tranquilizador, e acompanhamos minha mãe até o saguão. Grace se vira para mim enquanto esperamos o elevador.

— Por favor, ligue para o seu pai, Christian.

Suspiro.

— Vou pensar no assunto.

— Pare de ficar emburrado — me adverte ela, baixinho.

— Grace!

Fique na sua.

Ana olha para nós dois, mas sabiamente se segura e não diz nada. Sou salvo pelo barulho da chegada do elevador e das portas se abrindo. Pego a mão de Ana quando Grace entra no elevador.

— Boa noite — diz ela mais uma vez, e as portas se fecham.

— Você não está falando com o seu pai? — pergunta Ana.

Dou de ombros.

— Eu não iria tão longe a ponto de dizer isso.

— É por causa do último fim de semana? A sua briga com ele...

Retribuo seu olhar curioso, mas não respondo. Isso é entre mim e ele.

— Christian, é o seu pai. Ele só está preocupado com você.

— Não quero falar sobre isso.

Ergo as mãos na esperança de que ela pare. Ela cruza os braços e ergue aquele queixo teimoso típico da Srta. Steele.

— Anastasia. Deixe para lá.

Seus olhos faíscam em um tom azul-cobalto, mas ela suspira e abaixa os braços, me observando com o que creio ser uma mistura de frustração e compaixão.

*Cinquenta tons, baby.*

— Temos outro problema — diz ela. — Meu pai quer pagar pelo casamento.

— Ele quer, é?

*De jeito nenhum.* Vai custar uma fortuna, que ele não tem. Não vou levar meu sogro à falência.

— Acho que isso está fora de cogitação.

— O quê? Por quê? — Ana se irrita.

— Baby, você sabe por quê. — Não quero discutir sobre isso. —

A resposta é não.

— Mas...

— Não.

Sua boca forma aquela linha de teimosia que conheço muito bem.

— Ana, você tem carta branca nesse casamento. O que você quiser. Mas isso não. Sabe que não é justo com o seu pai. Estamos em 2011, não em 1911.

Ela suspira.

— Não sei o que vou dizer a ele.

— Diga que meu coração está determinado a pagar por tudo que a gente precisar. Diga que é uma necessidade visceral minha.

*Porque é mesmo verdade.*

Ela suspira de novo, resignada, acho.

— Agora, podemos tratar da lista de convidados? — pergunto, na esperança de que iniciar esse processo possa aliviar sua ansiedade assim como distraí-la da questão com Ray.

— Claro — concorda, e sei que evitei uma briga.



ENCOSTO O NARIZ NA orelha de Ana enquanto ela recupera o fôlego, logo depois de gozar. Há gotas de suor em sua testa, e seus dedos continuam em meu cabelo.

— O que achou disso, Anastasia?

Ela se embaralha ao dizer meu nome e acho que fala “fantástico”.

Abro um sorriso.

— Por favor, venha morar comigo.

— Sim. Mas não neste fim de semana. Por favor. Christian. —  
Ela está ofegante. Seus olhos se abrem de uma vez e ela me implora.  
— Por favor — fala ela, sem emitir som.

*Merda.*

— Tudo bem — sussurro. — Minha vez.

Belisco o lóbulo de sua orelha e a viro de frente.

TERÇA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 2011

---

— Leila quer falar com você — diz Flynn, e sei, graças ao fato de ele estar estreitando os olhos, que está concentrado na minha reação. *Acho* que se trata de um teste, mas não tenho certeza.

— Sobre o quê? — pergunto, cauteloso.

— Imagino que ela queira agradecer a você.

— Será que eu devo concordar?

John se recosta em sua cadeira.

— Em falar com ela? Não acho que seja uma boa ideia.

— Que mal poderia haver?

— Christian, ela tem sentimentos fortes em relação a você. Ela deslocou tudo o que sentia pelo amante falecido para você. E acha que está apaixonada por você.

Meu couro cabeludo começa a pinicar e a ansiedade aperta meu coração.

*Não! Como ela pode me amar?*

A ideia é intolerável.

*Sempre será somente Ana.*

O sol, a lua, as estrelas: eles se levantam e se põem com Ana.

— Acho que, para o bem da Leila, você vai ter que estabelecer limites claros, se quiser manter qualquer contato com ela — aponta Flynn.

É provável que seja *para o meu bem também*.

— Podemos manter toda a comunicação entre mim e Leila

através de você? Ela tem meu e-mail, mas não tem entrado em contato.

— Suspeito de que ela receie que você não vá responder.

— Pois está certa. Nunca vou perdoá-la por ter apontado uma arma para Ana.

— Se servir de consolo, ela está cheia de remorso.

Solto um suspiro exasperado; não estou interessado no remorso dela. Quero que se cure e desapareça.

— Mas está indo bem? — pergunto.

— Está. Bastante bem. A arteterapia está fazendo maravilhas; acho que ela quer voltar à cidade natal dela e fazer um curso de Belas Artes.

— Ela encontrou uma escola?

— Encontrou.

— Se ela ficar longe da Ana, e de mim, posso financiar o curso.

— Muito generoso de sua parte.

Flynn franze a testa, e desconfio de que ele esteja a ponto de se opor.

— Posso me dar ao luxo de ser generoso. Fico feliz que ela esteja se recuperando — eu me apresso em acrescentar.

— Ela recebe alta esta semana e vai voltar para a família.

— Em Connecticut?

Ele confirma com a cabeça.

— Ótimo.

Ela vai morar do outro lado do país.

— Recomendei um psiquiatra para ela em New Haven; assim, não fica longe para ela. E vai continuar recebendo um bom tratamento. — Flynn faz uma pausa e depois muda de assunto. —

Os pesadelos pararam?

— Por enquanto.

— E Elena?

— Tenho evitado qualquer contato com ela, mas assinei os contratos ontem. Já está feito. O grupo Esclava agora é dela.

O nome que Elena escolheu para seus salões e para o grupo sempre me fez sorrir. Mesmo agora.

— Como você se sente a respeito?

— Não pensei muito no assunto. — Minha mente está atulhada com outras preocupações. — Só sinto alívio por tudo já ter terminado.

Flynn me observa por um instante, e acho que vai continuar nessa linha de questionamento, mas ele muda.

— E como você está se sentindo, em geral?

Faço uma pausa para considerar a pergunta, e a verdade é que, à parte a sabotagem do meu querido *Charlie Tango*, e o fato de que alguém quer me ver morto, eu me sinto... bem. Estou ansioso, é óbvio, e furioso porque Ana ainda não aceitou ir morar comigo no Escala, mas compreendo que ela deseje uma outra noite comigo no seu apartamento, que é algo que pode acontecer neste fim de semana. Os quartos do pânico vão ser instalados na cobertura e precisamos sair de lá. Para um hotel, para *The Grace* ou para o apartamento de Ana.

— Estou bem.

— Reparei nisso. Estou surpreso. — Flynn parece cauteloso.

— Por quê? O que foi?

— É bom ver você externalizar a sua ansiedade, em vez de virá-la para si mesmo.



Franzo a testa.

— Acho que a ameaça à minha vida é externa.

Ele aquiesce.

— Sim, é verdade. Mas distrai você de se cobrar demais.

— Não tinha pensado nisso dessa forma.

— Conversou com o seu pai?

— Não.

Flynn permanece impassível, mas aperta um pouco os lábios.

Suspiro.

— Vou arrumar um tempo para fazer isso.

Ele olha o relógio.

— Nosso tempo acabou.

## SEXTA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 2011

---

Ouço uma batida na porta e, quando Andrea entra, ergo o olhar das amostras de papelaria para o casamento que Ana me enviou.

— O que foi? — pergunto, surpreso com sua intromissão.

— Seu pai está aqui.

*O quê?*

— No escritório?

— Ele está subindo.

*Merda!*

— Desculpe, Sr. Grey — continua Andrea —, não quis deixá-lo na recepção. — Ela encolhe os ombros em um gesto de desculpas. — É o seu pai.

*Pelo amor de Deus.* Checo a hora. São 17h15, e marquei de ir embora às 17h30 para o fim de semana prolongado.

— Peça para ele esperar.

— Sim, senhor.

Ela sai e fecha a porta.

*Mas que merda.*

Não quero ter outra conversa com o coroa. A última foi tão boa... Porém, graças à minha assistente, não tenho escolha.

*Droga.*

Ele nunca aparece sem avisar... ao contrário de minha mãe. Respirando fundo, eu me levanto e me alongo. Baixo as mangas da camisa e visto as abotoaduras que estavam largadas em cima da

mesa. Pegando o paletó do encosto da cadeira, eu o visto e prendo um botão. Puxo os punhos da camisa, depois endireito a gravata e passo as mãos no cabelo.

*Hora do show, Grey.*

Carrick está de pé ao lado de fora da porta, segurando sua pasta surrada.

— Pai — mantenho a voz neutra.

Seus lábios se curvam em um sorriso aberto e afetuoso que revela vinte e quatro anos de amor e orgulho paterno.

*Uau.* Isso me deixa surpreso e sem reação.

— Filho.

— Entre. Quer tomar alguma coisa? — ofereço, tentando manter o controle das minhas emoções de repente conflitantes.

*Será que ele quer brigar? Fazer as pazes? O quê?*

— A Andrea já me ofereceu, estou bem. Não vou demorar. — Ele entra na minha sala e dá uma olhada ao redor quando fecho a porta. — Já faz um tempo desde que estive aqui.

— Sim — murmuro.

— Que lindo retrato da Ana.

Na parede de frente para a minha mesa, uma Ana monocromática nos encara cativante, o sorriso doce e tímido, sugerindo que está se divertindo e disfarçando sua força. Gosto de pensar que está rindo para mim, daquele modo habitual; daquele modo que me faz rir de mim mesmo.

— Um retrato recém-adquirido. De um fotógrafo amigo dela na WSU, José Rodriguez. Ele fez uma exposição em Portland. Você o conheceu na minha casa, na noite em que o *Charlie Tango* caiu. Faz parte de uma série. Sete no total. Pedi que pendurassem este aqui no

início da semana. Ela tem um sorriso tão bonito! — Estou falando sem parar.

O olhar de Carrick é terno, mas cauteloso, e ele passa a mão no cabelo.

— Christian, eu... — Ele se detém, como se houvesse tido um pensamento muito doloroso.

— O quê? — pergunto.

— Vim pedir desculpas.

E de repente toda a minha confiança vai por água abaixo e me sinto à deriva e perdido no mar.

— O que eu disse foi errado. Eu estava com raiva. De mim mesmo.

Seus dedos apertam a alça da velha maleta, que possui há anos, e ele me lança um olhar penetrante.

Minha garganta arde e se contrai enquanto procuro algo para dizer, e me lembro de como sua maleta sempre ficava em uma cadeira surrada em seu escritório.

*— Christian, essa é a segunda escola que foi forçada a expulsar você por causa do seu comportamento agressivo. — Papai está fora de si, em seu modo mais babaca possível. — Isso é totalmente inaceitável. Sua mãe e eu estamos quase chegando ao nosso limite. — Ele caminha na frente da mesa, as mãos atrás das costas.*

*Estou de pé diante dele, os nós dos dedos em carne viva, latejando. Sinto uma dor na lateral do corpo por causa dos chutes que levei. Mas não dou a mínima, porra. O Wilde mereceu. Um imbecil idiota provocador. Gosta de provocar as crianças menores que ele. Mais pobres que ele. Ele é um lixo. E o filho da puta também foi expulso.*

— *Filho, estamos ficando sem opções.*

*Papai e mamãe têm conexões. Sei que eles conseguem encontrar outra escola. Foda-se, não preciso continuar com os estudos.*

— *Estamos considerando um colégio militar.*

*Ele tira os óculos como se estivesse em um filme e me olha de cara feia, esperando e desejando uma reação minha. Mas ele que se foda. Foda-se o colégio militar. Se é isso o que eles querem para se livrar de mim, eles que se fodam. Podem ir em frente. Abaixo os olhos e fito a maleta estúpida que ele carrega para todo lugar, ignorando a queimação em minha garganta.*

*Por que ele não fica do meu lado?*

*Nunca.*

*O cara veio para cima de mim.*

*Eu me defendi.*

*Ele que se foda.*

Agora, as linhas ao redor de seus olhos estão mais profundas e as lentes dos óculos mais grossas; ele me observa, esperando, do seu jeito calmo e paciente, uma resposta ao seu pedido de desculpas.

*Papai.*

Faço um gesto de concordância com a cabeça.

— *Eu também — murmuro.*

— *Ótimo. — Ele pigarreia e dá outra espiada em Ana na parede.*

— *Ela é uma moça linda.*

— *É mesmo. Em todos os aspectos.*

Seus olhos se suavizam.

— *Bom, não vou mais tomar seu tempo.*

— *Tudo bem.*

Ele me lança um sorriso rápido e, antes que eu possa respirar de novo, já foi embora, fechando a porta ao sair.

Solto a respiração e o nó no fundo de minha garganta cresce e se arrasta até o meu coração.

*Merda.* Um pedido de desculpas. Do meu pai. É o primeiro. Mal posso acreditar. Olho para Ana, com seu sorriso secreto, e é como se ela soubesse que isso ia acontecer. *Christian, é o seu pai. Ele só está preocupado com você.* Ouço a voz dela em minha cabeça e percebo que preciso ouvir sua voz em tempo real. Agora.

Volto para a mesa e pego o telefone.

Ana atende após um toque, como se estivesse esperando meu telefonema.

— Oi. — Seu tom é suave e rouco, um agradável bálsamo para a minha alma em frangalhos.

— Oi — sussurro. — Senti saudades de você.

Quase consigo ouvir o sorriso dela.

— Também senti saudades suas, Christian.

— Pronta para hoje à noite?

— Sim.

— Conselho de guerra?

— Isso. — Ela dá uma risada.

Essa noite. Nós vamos planejar o casamento. Na casa dela.



ANA ABRE A PORTA do apartamento e sua silhueta aparece contra a luz da cozinha. Está usando um leve vestido floral que nunca vi, transparente quando a luz bate. Todos os seus planos, curvas e linhas

estão marcados como uma elegante escultura, delineada só para mim. Está deslumbrante.

— Oi.

— Oi. Lindo vestido.

— Esta coisa velha?

Ela faz um rodopio rápido, a saia grudando nas pernas, e sei que está usando especialmente para mim.

— Estou ansioso para tirar você desse vestido mais tarde.

Estendo as peônias cor-de-rosa que comprei no Pike Place Market.

— Flores? — Seu rosto se ilumina quando ela as apanha e enterra o nariz no buquê.

— Não posso comprar flores para a minha noiva?

— Você pode e deve. É que acredito ser a primeira vez que recebo uma entrega em mãos.

— Acho que você tem razão. Posso entrar?

Ela ri, abrindo os braços, e dou um passo na direção do seu abraço e a mantenho colada em mim. Passo o nariz por seu cabelo, inalando seu perfume inebriante.

Meu. Lar. É. A. Ana.

Ela é a minha vida.

— Você está bem?

Ela descansa a palma da mão em minha bochecha, os olhos azuis vivos procurando os meus.

— Agora estou.

Curvo-me para um rápido beijo. Seus lábios roçam os meus, e o que eu pretendia que fosse um beijo de gratidão, de estou-tão-feliz-de-ver-você... se torna algo mais. Muito mais. Os dedos de sua mão

livre envolvem minha nuca, e ela se abre para mim como uma flor exótica, sua boca quente e convidativa. Ela inspira quando minha mão desliza pelo tecido suave que adere ao seu corpo e aperto seu traseiro. Sua língua acolhe a minha, em todos os idiomas, até estarmos os dois ofegantes, o desejo correndo pelas minhas veias à procura de uma saída.

Gemo e recuo, fitando seu lindo e confuso rosto.

— Muito bem, Taylor, já pode ir embora — digo.

— Obrigado, senhor.

Taylor surge das sombras da escadaria às minhas costas, deposita perto da porta a minha mala de pernoite, faz um sinal com a cabeça para nós dois e desce a escada.

Ana está rindo.

— Eu não sabia que ele estava aqui.

— Eu também tinha esquecido. — Dou um largo sorriso.

Para minha grande decepção, Ana me solta.

— Tenho que colocar essas flores maravilhosas na água.

Eu a observo se dirigir para a ilha de concreto na cozinha, e me recordo da última vez em que estive aqui: Ana estava diante de uma Leila armada e enlouquecida. Sinto um calafrio percorrer minha espinha. Aquele evento podia ter acabado de um modo tragicamente nefasto. Não admira que Ana tenha insistido para que passássemos uma noite aqui. Tenho certeza de que ela adoraria superar a última recordação deste lugar. Ainda bem que Leila está recuperada, e do outro lado do país, em Connecticut, na casa dos pais.

— Onde está Kate? — pergunto, lembrando que Ana não mora sozinha.

— Saiu com o seu irmão. — Ela enche um jarro com água.



— Então, temos o apartamento só para nós dois.

Tiro o paletó e a gravata e desabotoo os dois botões superiores da camisa.

— É verdade. — Ana segura um caderno. — E listei tudo o que precisamos conversar para o casamento.

— Podemos deixar isso para depois?

— Não. Sei bem o que você quer dizer quando fala em deixar para depois. E precisamos fazer isso, Christian. Conselho de guerra, lembra?

Ela agita o caderno para mim, erguendo aquele queixo determinado da Srta. Steele.

O gesto cai bem na Ana.

Sei que ela está estressada com o casamento, apesar de eu não entender por quê. A Srta. Gutierrez parece competente e está se ocupando de todos os preparativos de uma maneira eficiente e inabalável; nossa conversa não deve demorar muito.

— Não faça beicinho — acrescenta ela, com seu sorriso divertido que conheço tão bem.

Eu dou uma risada.

— Tudo bem. Vamos em frente.



UMA HORA MAIS TARDE, sentados nas banquetas da cozinha, completamos um formulário on-line de pedido de licença de casamento. Concordamos com os itens de papelaria. Esquema de cores. Cardápios. Modelo do bolo. E lembrancinhas.

*Lembrancinhas!*

— Christian, acho que não devemos fazer uma lista de casamento.

— Lista?

— Para os presentes de casamento.

— Meu Deus, não.

— Mas se as pessoas quiserem dar alguma coisa, talvez possam contribuir para a instituição de caridade dos seus pais, a Superando Juntos, o que acha?

Eu a encaro, ao mesmo tempo admirado e me sentindo humilde.

— Isso é genial.

Ana concorda com a cabeça.

— Que bom que você gostou da ideia.

Inclino-me para a frente e a beijo.

— É por isso que vou me casar com você.

— Achei que era por causa dos meus dotes culinários.

— Isso também.

Ela ri, e é um som alegre.

— Tudo bem. Chamei Kate para ser a minha madrinha — diz Ana.

— Faz sentido.

Ignoro meu desânimo. Katherine é uma das mulheres mais irritantes que conheço. Mas é a melhor amiga da Ana... então...  
*Aceite, Grey.*

— Vou chamar Mia para ser a minha outra madrinha.

— Mia vai adorar, tenho certeza.

— Você precisa escolher um padrinho.

— Padrinho?

— É.

Bem, só pode ser o Elliot. Vou ter que falar com ele, que vai me encher o saco por conta disso.

— Você não curte mesmo isso, não é? — Ana me encara.

— Vou curtir estar casado com você.

Ela inclina a cabeça para o lado, e sei que não ficou satisfeita com a resposta. Suspiro.

— Não, não curto. Jamais gostei de ser o centro das atenções, que é um dos motivos pelos quais vou me casar com você.

Os vincos na testa de Ana se acentuam e passo os nós dos dedos em sua bochecha, porque faz alguns minutos que não a toco.

— *Você* vai ser o centro das atenções.

Ana revira os olhos.

— Vamos esperar para ver. Tenho certeza de que você vai ficar muito bem em seu traje de casamento, Sr. Grey.

— Você tem um vestido de noiva?

— A mãe da Kate está desenhando um para mim. — Ela baixa o olhar para as mãos e acrescenta: — Pedi para o meu pai pagar pelo vestido.

— E ele ficou feliz.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Acho que ficou aliviado por não precisar pagar pela festa, mas encantado em poder contribuir.

Sorrio.

— Anastasia Steele, você é brilhante. Eu sabia que encontraria um meio-termo. Você é uma tremenda negociadora.

Eu me inclino e lhe dou um beijo rápido nos lábios.

— Está com fome? — pergunta ela.

— Estou.

— Vou preparar uns bifés.



— ENTÃO, OS QUARTOS do pânico, como vão funcionar? — pergunta Ana enquanto corta seu filé-mignon.

— Vamos instalar um no escritório do Taylor, e o closet do nosso quarto também vai se transformar em um. Você aperta um botão, as portas se fecham e eles ficam impenetráveis. Dentro deles, ganhamos tempo para que o socorro chegue. Pelo menos, esse é o plano.

— Ah. — Ana empalidece.

Pego sua mão.

— É uma mera precaução. Esperamos nunca precisar usar os quartos.

Ergo a taça de pinot noir e solto a mão de Ana.

— Vou brindar a isso. — Ela encosta sua taça na minha.

— Não fique tão preocupada. Vou fazer tudo ao meu alcance para manter você segura.

— Não é comigo que estou preocupada, Christian. Você sabe disso. Como... como anda a investigação?

— Não está avançando muito, o que é frustrante. Mas não pense nisso. Minha equipe está cuidando disso. — Não quero perturbar Ana com nossa falta de progresso no caso. — O bife estava delicioso.

— Pouso o garfo e a faca.

— Obrigada — diz ela e empurra seu prato vazio.

— O que vamos fazer agora? — pergunto, e assumo um tom de voz baixo, na esperança de que minhas intenções fiquem evidentes.

Temos o apartamento todo só para nós dois, algo que não acontece na minha casa.

Ana me examina, estreitando os olhos.

— Tenho uma ideia. — Sua voz é suave e sensual, e excitante.

Ela desliza a língua pelo lábio superior e leva a mão ao meu joelho. O ar quase crepita entre nós com o meu desejo.

*Ana.*

Ela se aproxima, me oferecendo uma vista maravilhosa de seu decote, e murmura no meu ouvido:

— Vamos ter que nos molhar.

*Ah.* Com o polegar, ela acaricia a parte interna da minha coxa.

*Caralho.*

— É. — Ela se aproxima ainda mais, a respiração fazendo cócegas em minha orelha. — Nós podíamos... lavar a louça.

*O quê?*

*Que provocação!*

*Bom, essa foi inesperada. E é um desafio.*

Reprimo um sorriso e, sem desviar meus olhos dos dela, deslizo o indicador pela sua bochecha até o queixo, depois desço pelo pescoço e seu esterno até o decote em V do vestido. Seus lábios se abrem ao mesmo tempo em que sua respiração se aprofunda. Pinço o tecido macio entre o polegar e o indicador e puxo, trazendo-a para mim.

— Tenho uma ideia melhor.

Ela engole em seco.

— Uma ideia muito melhor — continuo.

— E qual é?

— Nós podíamos trepar.

— Christian Grey!

Abro um sorriso largo. Adoro chocar a Ana.

— Ou podíamos fazer amor — acrescento.

*Com calma, Grey. Calma.*

— Gosto mais das suas ideias do que das minhas. — Sua voz está baixa e ainda mais rouca dessa vez.

— Ah, você gosta?

— Hmm-hum. Vou ficar com a opção número um. — Seus olhos estão embaçados.

*Ana, minha deusa.*

— Boa escolha. Tire seu vestido, agora. Devagar.

Ela se levanta e se posiciona entre minhas pernas, e acho que vai fazer o que mandei, mas ela abaixa a cabeça e põe as mãos em minhas coxas, depois acaricia o canto de minha boca com os lábios.

— Tira você — sussurra ela contra a minha pele, e cada pelo do meu corpo fica arrepiado à medida que o desejo aquece meu sangue.

— Como quiser, Srta. Steele. — Seguro a faixa que prende seu vestido e delicadamente desfaço o nó, de modo que o vestido se abre.

*Ana não está usando sutiã. Alegria profunda.*

Deslizo minhas mãos por suas costas, ao mesmo tempo em que ela segura meu rosto com ambas as mãos e começa a me beijar. Seus lábios são insistentes e sua língua, exigente. Solto um gemido e fecho os olhos, enquanto aproveitamos nosso beijo. Sinto sua pele macia nos dedos, e a puxo mais para perto, pressionando-a junto ao meu peito. Suas mãos se enroscam em meu cabelo, e ela força minha cabeça para cima.

*Putá merda.*

Ana mordisca meu lábio superior e puxa.

*Ai.*

*Ana!*

Tiro minha cabeça de suas mãos e agarro seus punhos.

— Você está um pouco selvagem — murmuro, extasiado.

Ela se remexe entre minhas pernas, os mamilos na minha camisa, vejo-os enrijecendo. Seu cabelo cai sobre os ombros e encobre seus seios, enquanto minha calça fica mais apertada a cada segundo.

*O que deu nela?*

Ela está excitante. Provocante.

— Está me atiçando? — pergunto.

— Estou. Me possua.

— Ah, vou fazer isso. Aqui mesmo. Quando eu estiver pronto.

Ela engole em seco, os olhos sensuais e convidativos, e acho que ela deve ter bebido mais vinho do que eu supunha. Com delicadeza, eu a empurro para trás, solto suas mãos e fico de pé. Observo-a enquanto ela me examina por trás de seus longos cílios.

— Que tal aqui? — Dou um tapinha na banqueta.

Ela pisca algumas vezes e sua boca se abre em surpresa.

— Se debruce aqui — sussurro.

Seus dentes mordem o lábio carnudo, deixando pequenas marcas, e sei que ela faz isso de propósito.

— Acredito que você tenha pedido a opção um — lembro a ela.

— Pedi.

— Não vou perguntar de novo.

Desabotoo a calça e abaixo devagar o zíper, dando o espaço de que minha ereção tanto necessitava.

Ana me encara, com um ar lascivo e delicioso, usando apenas o vestido bonito aberto, uma calcinha branca e sandálias de salto alto. Ela levanta as mãos, e acho que vai tirar o vestido.

— Deixe — insisto e, enfiando a mão dentro da cueca, ponho o pau para fora. — Pronta? — pergunto e começo a mover minha mão para cima e para baixo, me masturbando.

Seus olhos escuros passeiam de minha mão para meu rosto, e, com um sorriso astuto, ela se vira e se debruça na banqueta.

— Segure firme as pernas do móvel — ordeno, e ela obedece, envolvendo os suportes de metal com os dedos.

Seu cabelo roça o chão, e afasto o vestido, que fica pendurado à esquerda, deixando sua bunda gloriosa à vista.

— Vamos nos livrar disso — murmuro, e passo um dedo por sua pele acima do elástico da calcinha.

Eu me ajoelho e, devagar, arrasto a calcinha por suas pernas, sobre as sandálias, e a jogo de lado. Tomo seu traseiro nas mãos e aperto.

— Sua aparência é magnífica desse ângulo, Srta. Steele — sussurro e beijo sua bunda.

Ela se contorce na medida certa, e não consigo me conter. Dou um tapa forte, de modo que ela uiva, e enfio um dedo dentro dela. Seu gemido é alto e ela retesa o corpo, se pressionando contra minhas mãos.

Ela quer isso.

Ela está molhada.

Tão molhada.

*Ana. Você nunca decepciona.*

Beijo seu traseiro mais uma vez e me levanto enquanto meto o dedo nela. E mexo para fora. Para dentro. Para fora.

— As pernas. Mais abertas — ordeno, enquanto acaricio seus quadris. Ela afasta os pés. — Mais arreganhada.



Ela arrasta os pés para os lados até eu me dar por satisfeito.

*Perfeito.*

— Segure-se firme, baby. — Retiro a mão e, com um cuidado infinito, penetro nela devagar.

Ela engole em seco.

*Putá merda.* Ela é o paraíso.

Levo a mão a suas costas e com a outra me agarro à beirada da bancada da cozinha. Não quero derrubar nós dois.

— Segure-se — repito, e saio de dentro dela, metendo com força em seguida.

— Ah! — grita ela.

— Foi demais?

— Não. Continue! — Ela choraminga.

E seu desejo é uma ordem. Começo a foder a Ana. Com força. Cada golpe. Cada impulso. Me afasto de tudo, todos os meus conflitos, todas as minhas preocupações. Só a Ana existe. Minha garota. Minha amante. Minha luz.

Ela grita alto. Uma, duas, três vezes. Implorando por mais. E eu continuo, levando-a comigo. Levando-a mais longe. Sem parar até que grite uma versão alta e abafada do meu nome. E ela goza, mais de uma vez, com a força de uma maré alta.

— Ana! — grito e me junto a ela.

Desabo em cima dela, depois desço ao chão, trazendo-a comigo e a aninhando em meus braços. Beijo suas pálpebras, seu nariz, sua boca, e ela abraça meu pescoço.

— Como foi a opção um? — pergunto.

— Hmm... — balbucia com um sorriso atordoado.

Sorrio.

— Também estou na mesma.

— Queria um pouco mais.

— Mais? Pelo amor de Deus, Ana.

Ela beija meu peito onde a camisa está aberta, e percebo que ainda estou completamente vestido.

— Vamos tentar a cama desta vez — sussurro em seu cabelo.



ANA GEME.

— Por favor!

Suas mãos estão atadas, cortesia da faixa de seu robe, às hastes de sua cabeceira. Ela está nua, os mamilos proeminentes e enrijecidos, apontando para cima, cortesia de minha língua e meus lábios. Seguro seus pés em uma das mãos, perto do seu traseiro, de modo que suas pernas estão dobradas e abertas e ela luta para se libertar. Devagar, enfio meu indicador nela e o retiro enquanto meu polegar circula o clitóris.

Ela não consegue se mexer.

— Que tal assim? — pergunto.

— Por favor! — Ela está rouca.

— Gosta que eu provoque você?

— Gosto! — grita.

— Gosta de me provocar?

— Gosto.

— Eu também.

Paro de mover o polegar e deixo minha mão imóvel, o dedo ainda dentro dela.

— Christian! Não pare!

— Olho por olho, Anastasia.

Ela está se esforçando para empurrar os quadris na direção da minha mão para chegar ao orgasmo.

— Imóvel — sussurro. — Fique imóvel.

Sua boca está frouxa, os olhos escuros e cheios de luxúria, desejo e tudo o que um homem pode querer.

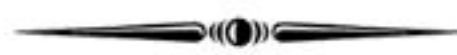
— Por favor — murmura ela, e não consigo atormentá-la mais.

Solto seus pés e tiro a mão. Segurando seu joelho, percorro sua coxa com meu nariz e meus lábios, para o meu objetivo final.

— Ah! — berra ela quando minha língua gira em torno do clitóris inchado.

Enfio dois dedos dentro dela, metendo uma, duas vezes, e ela deixa escapar um grito escandaloso, e seu orgasmo me invade. Beijo sua barriga, na altura do estômago, a cavidade entre seus seios; e depois devagar me afundo dentro dela enquanto seu clímax desvanece.

— Eu te amo, Ana — sussurro, e começo a me mexer.



ANA DESCANSA AO MEU LADO, enquanto, acima de mim, a faixa do robe ainda está amarrada à cabeceira da cama. Avalio acordá-la e trepar com ela uma terceira vez, maravilhado por eu ainda querer mais. Será que algum dia vou me dar por satisfeito de Anastasia Steele? No entanto, ela precisa dormir. Amanhã vamos velejar. Só nós dois e *The Grace*. Ela vai precisar de energia para me ajudar a bordo. Vamos nos afastar de todo mundo por três dias inteiros,

desfrutando o feriado de Quatro de Julho, e espero conseguir enfim relaxar, pelo menos por alguns dias.

Minha mente divaga até meu pai e seu inesperado pedido de desculpas, até cardápios e lembrancinhas, até o acidente e o sabotador desconhecido. Espero que Reynolds e Ryan estejam bem aqui fora. Eles estão montando guarda.

Ana está segura. Nós estamos seguros.